

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino
Básico
Estágio Profissional I, II, III e IV

Relatório de Estágio Profissional

Rita Milheiro de Carvalho Pais Neto

Lisboa, junho de 2020

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino
Básico
Estágio Profissional I, II, III e IV

Relatório de Estágio Profissional

Rita Milheiro de Carvalho Pais Neto

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da Professora Doutora Maria Paula Ivens Ferraz Colares Pereira dos Reis

Lisboa, junho de 2020

Agradecimentos

Para a realização deste relatório foram vários os intervenientes que colaboraram de uma forma direta ou indireta e que merecem o meu agradecimento.

Desde já quero agradecer à Associação de Jardins-Escolas João de Deus e ao Presidente Professor Doutor António Ponces de Carvalho.

Quero agradecer também à minha orientadora Professora Doutora Paula Colares Pereira por ter aceite o meu convite, por todo o apoio que me deu na realização deste relatório e por todas as palavras.

À minha família que sempre me acompanhou, aos meus avós que sempre acreditaram em mim e que me incentivaram a seguir em frente.

Aos meus pais, Margarida e Miguel, e à minha irmã Matilde que nunca me deixaram desistir dos meus sonhos e que sempre me deram a mão nos momentos que mais precisava.

Aos meus amigos, Beatriz, Francisco, Jorge e Leonor quero agradecer por me terem acompanhado ao longo destes 9 anos de muita amizade e aprendizagem.

À Cátia, à Joana, à Mariana e à Rita por todo o apoio e palavras de carinho que me foram dando ao longo dos anos.

Para finalizar, e não menos importante, às professoras que mais me marcaram, incentivaram a ser melhor aluna e melhor pessoa pois influenciaram a escolha do meu futuro profissional, Andreia Cabrita, Dulcília Belejo, Maria João Casanova e Guida Dias.

Resumo

O Relatório de Estágio Profissional I, II, III, IV e a sua elaboração corresponde a uma série de vivências observadas que fui experienciando no âmbito da frequência no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A organização do relatório está feita da seguinte forma: primeiro capítulo – Relatos; segundo capítulo – Planificações; terceiro capítulo – Dispositivos de Avaliação e por fim o quarto capítulo que é a Apresentação de uma Proposta de um Projeto Educativo.

No primeiro capítulo estão apresentados dez relatos, estes descrevem atividades aulas que observei por parte das educadoras/ professoras, aulas que foram lecionadas por mim e por colegas que considere relevantes e pertinentes.

No segundo capítulo são apresentadas oito planificações, quatro de atividades em Educação Pré-Escolar e outras quatro em Ensino do 1.º Ciclo. Todas são justificadas e fundamentadas por literatura relevante.

No terceiro capítulo são referidos quatro Dispositivos de Avaliação. Um dispositivo na Educação Pré-Escolar e os outros três no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico em anos de escolaridade diferentes.

Já no último capítulo explico o desenvolvimento de um projeto, escolhido por mim, ao qual dei o título de “ 25 de abril visto pelas crianças...”. Escolhi desenvolver este tema porque gostava que os alunos o trabalhassem de uma forma diferente e que pudessem mostrar aos colegas aquilo que será desenvolvido ao longo do projeto.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo; Estágio; Planificação; Avaliação; Trabalho de Projeto.

Abstract

The elaboration of this Professional Internship I, II, III and IV Report corresponds to a series of experiences that I lived and observed during the attendance of the Master in Preschool Education and Teaching of the First Stage of Basic Education (ou Primary Education).

The layout of the report is presented the following way: first chapter – Accounts; second chapter – Lessons Planning; third chapter – Assessment Strategies and finally the fourth chapter, the Presentation of an Educational Project.

In the first chapter I introduce ten accounts which describe classroom activities conducted by teachers and that I observed. These lessons were taught by myself and my colleagues and the most pertinent and relevant ones were chosen.

In the second chapter, eight lesson planning are presented, four from Preschool Education and four more from the First Stage of Basic Education. All of them are supported and grounded by relevant bibliography.

In the third chapter, four Assessment Strategies are presented. One strategy in Preschool Education and three more from the First Stage of Basic Education, in different school years.

In the last chapter I explain the development of a project that I chose and to which I gave the title “The 25th of April seen by children...”. I decided to develop this issue because I wanted the students to work on it from a different perspective and that they could show their colleagues what is going to be developed along the project.

Keywords: Pre-School Education and 1st Cycle Teaching; Pedagogical practice; Planning; Evaluation; Project work.

Índice Geral

Índice de Quadros	X
Índice de Figuras.....	XI
Introdução	1
Identificação e contextualização do Estágio Profissional	2
Calendarização e Cronograma.....	4
1. Capítulo 1 – Relatos de estágio	6
1.1. Descrição do capítulo	6
1.2. Relatos de Estágio	6
1.2.1. Relato 1 – Área do Conhecimento do Mundo – 3 anos	6
1.2.2. Relato 2 – Domínio da Matemática – 4 anos	9
1.2.3. Relato 3 – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos	12
1.2.4. Relato 4 – Área do Conhecimento do Mundo (Abordagem às Ciências Experimentais) – 4 anos	14
1.2.5. Relato 5 – Visita de Estudo – 4 anos	16
1.2.6. Relato 6 – Disciplina de Matemática – 1.º ano	18
1.2.7. Relato 7 – Disciplina de Inglês – 2.º ano	20
1.2.8. Relato 8 – Disciplina de Estudo do Meio (trabalho de grupo) – 3.º Ano	22
1.2.9. Relato 9 – Assembleia de turma – 4.º ano	24
1.2.10. Relato 10 – Disciplina de Português – 4.º ano	26
2. Capítulo 2 – Planificações.....	29
2.1. Descrição do capítulo	29
2.2. Fundamentação Teórica.....	29
2.3. Planificação em Quadro	31
2.3.1. Planificação da Área do Conhecimento do Mundo – 3 anos	31
2.3.2. Planificação do Domínio da Matemática – 4 anos	34
2.3.3. Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos ...	37
2.3.4. Planificação do Domínio da Educação Artística – 5 anos.....	38
2.3.5. Planificação de uma aula de Disciplina de Estudo do Meio – 1.º ano	39
2.3.6. Planificação de uma aula de Estudo do Meio – 2.º ano.....	40
2.3.7. Planificação da aula de Português – 3.º ano	42
2.3.8. Planificação de uma aula de Matemática – 4.º ano.....	43
3. Capítulo 3- Dispositivos de Avaliação	44

3.1.	Descrição do capítulo	44
3.2.	Fundamentação teórica	44
3.3.	Avaliação da atividade do Domínio de Matemática – 4 anos	48
3.3.1.	Contextualização da atividade	48
3.3.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	48
3.3.3.	Apresentação e análise dos resultados	49
3.4.	Avaliação de uma proposta de trabalho da Disciplina de Português – 1.º Ano.....	50
3.4.1.	Contextualização da atividade	50
3.4.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	50
3.4.3.	Apresentação e análise dos resultados	51
3.5.	Avaliação de uma proposta de trabalho da Disciplina de Matemática – 2.º Ano...	52
3.5.1.	Contextualização da atividade	52
3.5.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	52
3.5.3.	Apresentação e análise dos resultados	53
3.6.	Avaliação de uma proposta de trabalho da realização de uma proposta de trabalho da Disciplina de Português – 3.º Ano	54
3.6.1.	Contextualização da atividade	54
3.6.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	55
3.6.3.	Apresentação e análise dos resultados.....	56
3.7.	Avaliação de uma ficha da Disciplina de Português – 4.º Ano	56
3.7.1.	Contextualização da atividade	56
3.7.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	57
3.7.3.	Apresentação e análise dos resultados.....	58
4.	Capítulo 4 – Projeto final “25 de abril visto pelas crianças...”	60
4.1.	Introdução do trabalho de projeto	60
4.2.	Fundamentação teórica do trabalho de projeto.....	61
4.3.	Desenvolvimento do projeto:	66
4.3.1.	Problema	66
4.3.2.	Destinatários	66
4.3.3.	Entidades envolvidas.....	66
4.3.4.	Motivação e negociação.....	67
4.3.5.	Objetivos:	67
4.3.6.	Planeamento	67
4.3.7.	Recursos	69
4.3.8.	Produtos finais.....	69
4.3.9.	Avaliação	69

4.3.10. Calendarização	70
4.4. Considerações finais do trabalho de projeto	70
5. Reflexão – Considerações finais.....	72
Referências Bibliográficas.....	74
Anexos	77
Anexo 1 – Proposta de atividade do Domínio de Matemática na faixa etária dos 4 anos .	78
Anexo 2 – Grelha de avaliação da proposta de atividade do Domínio da Matemática	80
Anexo 3 – Grelha de atividade da Disciplina de Português do 1.º ano	82
Anexo _4 – Proposta de atividade da Disciplina de Matemática do 2.º ano	84
Anexo 5 – Grelha de avaliação da proposta de atividade Disciplina de Matemática	86
Anexo 6 – Proposta de atividade da Disciplina de Português do 3.º ano	88
Anexo 7 – Grelha de avaliação da proposta de atividade da Disciplina de Português.....	90
Anexo 8 – Proposta de atividade da Disciplina de Português do 4.º Ano	92
Anexo 9 Grelha de avaliação da proposta de atividade da Disciplina de Português	94
Anexo 10 – Questionário de avaliação do projeto – turma de 4.º Ano	96

Índice de Quadros

Quadro 1 - Cronograma de estágio.....	5
Quadro 2 - Planificação da atividade na Área do Conhecimento do Mundo.....	32
Quadro 3 - Planificação da atividade no Domínio da Matemática	34
Quadro 4 - Planificação da atividade no Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita	37
Quadro 5 - Planificação da atividade no Domínio da Educação Artística	38
Quadro 6 - Planificação de uma aula de Estudo do Meio – Estabelecer relações de parentesco.....	39
Quadro 7 - Planificação de uma aula de uma Atividade Experimental – Reação química entre o bicarbonato de sódio com o vinagre	40
Quadro 8 - Planificação de uma aula de Português – 3.º ano – Ímanes.....	42
Quadro 9 - Planificação de uma aula de Matemática – 4.º Ano – Construir e reconhecer propriedades de isometrias do plano: isometrias de translação	43
Quadro 10 - Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de trabalho de Matemática – 4 anos.....	49
Quadro 11 - Cotação dos critérios de avaliação da proposta de trabalho de Português – 1.º ano	51
Quadro 12 - Cotação dos critérios de avaliação da proposta de trabalho de Matemática – 2.º Ano.....	53
Quadro 13 - Critérios de avaliação atribuídos à proposta de atividade da Disciplina de	55
Quadro 14 - Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de trabalho de Português – 10 anos.....	58
Quadro 15 - Calendarização do projeto	70

Índice de Figuras

Figura 1 - Resultados da atividade do Domínio da Matemática	49
Figura 2 - Resultados da atividade da disciplina de Português	51
Figura 3 - Resultados da atividade da disciplina de Matemática	54
Figura 4 - Resultados da atividade da disciplina de Português	56
Figura 5 - Resultados da atividade da disciplina de Português	58

Introdução

O presente relatório diz respeito ao Estágio Profissional que realizei na Escola Superior de Educação João de Deus nas unidades curriculares de Estágio Profissional I, II, III e IV de outubro de 2017 até julho de 2019.

Este trabalho resulta da frequência no estágio efetuado na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A elaboração do relatório e a sua consequente defesa são fundamentais para a obtenção do grau de mestre e assim ser Educadora e Professora do 1º Ciclo do Ensino Básico.

A realização destes Estágios são de extrema importância para a formação de futuros profissionais porque é com a observação do dia-a-dia das crianças/alunos e das educadoras/professoras que se aprende e se ganham experiências para o futuro.

O estágio foi realizado com uma colega que ao longo do mesmo demonstrou ser um grande apoio que na preparação das aulas lecionadas por mim e também para o meu crescimento pessoal e profissional. Também tive um grande apoio da equipa de supervisão pedagógica das educadoras e das professoras cooperantes que me acompanharam ao longo deste período de tempo.

Alarcão e Tavares (2003), citados por Caldeira, Pereira & Silveira-Botelho (2017), definem

supervisão como o processo em que um professor, em princípio mais experiente e informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional e ainda consideram que no desenvolvimento profissional dos professores a supervisão é um processo que tem lugar num tempo continuado e, num contexto educativo, situando-se no “âmbito da orientação da ação profissional”, podendo ser denominada “orientação da prática pedagógica” (p.49).

A metodologia utilizada prende-se com uma investigação. É muito importante termos este tipo de preparação para a vida futura. Aprender é um processo gradual e dessa forma fui observando, analisando, planificando atividades/ aulas, vivenciando e refletindo entre pares, com os orientadores e supervisores. O presente trabalho divide-se em quatro capítulos: no primeiro estão descritos dez relatos de estágio, respetivas estratégias e materiais utilizados bem como as inferências e fundamentação teórica. Sete deles compreendem atividades/aulas realizadas pelas orientadoras cooperantes e os três restantes descrevemos atividades/aulas elaboradas por mim.

No capítulo dois são apresentadas oito planificações no seu total. Quatro correspondem à Educação Pré-Escolar e outras quatro correspondem ao Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O capítulo três corresponde aos dispositivos de avaliação. Neste presente relatório tem que ser apresentados cinco e temos a liberdade de escolher os anos, ou seja, eu realizei um dispositivo de avaliação para os quatro anos e os restantes para os anos de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No capítulo quatro esta apresentado uma proposta de um projeto que poderá ser implementado numa escola.

Termino com uma reflexão final, as referências bibliográficas e os anexos.

Identificação e contextualização do Estágio Profissional

O Estágio Profissional I foi realizado numa escola localizada na parte Oriental de Lisboa, no Bairro dos Olivais, é um edifício que é constituído por salas de aula de Pré-Escolar (3, 4 e 5 anos) e salas do 1.º ciclo (1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos), existindo duas salas por cada idade. Durante o período de 13 de outubro de 2017 a 9 de fevereiro de 2018.

Esta escola foi inaugurada em fevereiro de 1975 com a frequência de crianças entre os 3 e os 5 anos de idade. Nos dias que correm a escola é constituída por catorze salas de aula, um ginásio, uma cozinha, duas cantinas, uma dispensa para guardar bens alimentares, uma dispensa para guardar produtos de limpeza, uma dispensa para guardar materiais didáticos, uma lavandaria, um gabinete de direção, uma sala de professores, uma sala para as estagiárias, uma biblioteca, um atelier de expressão plástica, nove casas de banho para os alunos e duas para os professores e por dois pátios onde as crianças brincam.

O estágio teve uma duração de 5 meses e era realizado às segundas-feiras com o horário das 9 às 13 horas e às sextas-feiras com o horário das 9 às 16 horas.

Durante o segundo semestre do primeiro ano do Mestrado, entre o dia 5 de março de 2018 e o dia 6 de julho de 2018, o Estágio Profissional teve lugar numa escola particular na freguesia de Alvalade, em Lisboa. Esta escola contém as valências desde a Creche ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Na creche apenas há uma turma por ano, na Educação Pré-Escolar e no 1.º CEB há duas turmas por ano. Esta é uma escola antiga, que já sofreu várias intervenções. No edifício principal existem treze salas de aula, um salão multifunções, uma biblioteca, uma sala de computadores/artes plásticas, uma cantina, a cozinha, duas salas para professores e um gabinete da direção.

Existe um edifício anexo onde se encontra o ginásio e duas salas de aula. O espaço exterior está dividido em três partes, do lado esquerdo do edifício principal existe um recreio coberto, do lado direito um recreio com um toldo e escorregas e nas traseiras

existe outro espaço aberto onde as crianças que frequentam a Pré-Escolar realizam o recreio.

O estágio teve uma duração de 5 meses e era realizado às segundas-feiras e às sextas-feiras com o horário das 9 h às 16 horas.

As educadoras das duas escolas dos grupos onde tive oportunidade de estagiar afirmam que ambos os grupos eram constituídos por crianças que estão bem integradas na dinâmica da escola e que na generalidade ambos os grupos mostravam motivação e interesse pelas várias áreas de conteúdos e também pelas aprendizagens e experiências.

No segundo ano de Mestrado realizei os Estágios Profissionais III e IV na mesma escola em Alvalade mas já na valência do primeiro ciclo. Num primeiro momento estive numa sala do 4.º ano, a professora informou-me que a turma era muito heterogénea, existiam alunos com bastante facilidade em perceber as matérias mas existiam um grupo ainda significativo com dificuldades na aprendizagem e outros que tinham bastante dificuldades mas sem qualquer problema, o que corresponde ao 3.º semestre do Mestrado e era realizado às segundas-feiras das 9 h às 12h e a sexta-feira das 9h às 16h.

Já no quarto semestre o estágio foi realizado no 3.º e 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A realização do estágio no 3.º ano foi realizado entre os meses de fevereiro a maio. A turma era constituída por 23 alunos, a particularidade deste grupo era constituída por mais rapazes do que raparigas, ou seja, 6 raparigas e 17 rapazes e era um grupo um pouco heterogéneo porque existiam alunos sem dificuldades e alunos com algumas dificuldades.

Já a turma do 2.º ano era constituída por 25 alunos, o grupo também era heterogéneo mas os alunos que tinham algumas dificuldades eram em maior quantidade do que os alunos com mais facilidades.

Ambos os grupos, incluindo os professores titulares, receberam as alunas estagiárias muito bem e sempre deram liberdade para ajudar os alunos em todas as atividades.

A realização do estágio no 4.º e último semestre do Mestrado foi realizado às segundas-feiras e às sextas-feiras das 9h às 17h.

Calendarização e Cronograma

O Estágio Profissional estava organizado em quatro semestres ao longo dos quais decorreu o mestrado. Dois dos momentos realizaram-se na Educação Pré-Escolar e os restantes dois no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico conforme se pode observar no quadro um.

Conforme se pode verificar no quadro 1 e, de forma mais organizada apresento outras atividades relacionadas.

Com o Estágio Profissional destaco, por exemplo, os seminários em Braga e em Leiria e a orientação tutorial ao longo dos dois anos.

A elaboração deste Relatório e respetivas pesquisas e leituras que me ajudassem a entender e compreender a prática foram fundamentais para a minha formação profissional.

Para terminar, esclareço que a escolha dos relatos, das planificações e dos dispositivos de avaliação e do projeto prendem-se com os momentos mais significativos e pertinentes do meu estágio.

Quadro 1 - Cronograma de estágio

Semestre		Atividade	Data
1.º Semestre	Estágio Profissional em Educação Pré-Escolar	Seminário de Contacto com uma Realidade Educativa numa escola particular em Braga.	25 de setembro de 2017 a 6 de outubro de 2017
		Estágio com um grupo de 5 anos	10 de outubro de 2017 a 21 de dezembro de 2018
		Estágio com um grupo de 3 anos	2 de janeiro de 2018 a 9 de fevereiro
		Reuniões de estágio	15 de dezembro de 2017 e 12 de janeiro de 2018
		Elaboração do relatório de Estágio Profissional	10 de outubro de 2017 a 9 de fevereiro de 2018
		Orientação tutorial	Uma vez por semana
2.º Semestre	Estágio Profissional em Educação Pré-Escolar	Seminário de Contacto com uma Realidade Educativa numa escola particular em Leiria.	26 de fevereiro a 2 de março de 2018
		Estágio com um grupo de 5 anos	5 de março a 4 de maio de 2018
		Estágio com um grupo de 4 anos	7 de maio a 6 de julho de 2018
		Reuniões de estágio	20 de abril de 2018 e 25 de maio de 2018
		Elaboração do relatório de Estágio Profissional	5 de março de 2018 a 6 de julho de 2018
		Orientação tutorial	Uma vez por semana
3.º Semestre	Estágio Profissional em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico	Seminário de Contacto com uma Realidade Educativa numa escola particular em Leiria.	24 de setembro a 4 de outubro de 2018
		Estágio na turma do 1.º ano	12 de outubro a 14 de dezembro de 2018
		Estágio na turma do 4.º ano	4 de janeiro a 8 de fevereiro de 2019
		Reuniões de estágio	7 de dezembro de 2018 e 1 de fevereiro de 2019
		Orientação tutorial	Uma vez por semana
4.º Semestre	Estágio Profissional em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico	Seminário de Contacto com uma Realidade Educativa.	18 de fevereiro a 22 de fevereiro de 2019
		Estágio na turma do 3.º ano	25 de fevereiro a 3 de maio de 2019
		Estágio na turma do 2.º ano	6 de maio a 5 de julho de 2019
		Reuniões de estágio	29 de março e 31 de maio de 2019
		Elaboração do relatório de Estágio Profissional	25 de fevereiro a 5 de julho de 2019
		Orientação tutorial	Uma vez por semana

1. Capítulo 1 – Relatos de estágio

1.1. Descrição do capítulo

Os relatos de estágio têm como objetivo relatar situações significativas observadas em contexto de estágio, nos diferentes grupos etários nas diferentes áreas da Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os relatos que iram ser narrados são resultado da observação realizada em contexto de sala de aula com atividades para crianças de todas as faixas etárias (dos 3 anos aos 10 anos de idade), abrangendo várias áreas.

1.2. Relatos de Estágio

1.2.1. Relato 1 – Área do Conhecimento do Mundo – 3 anos

Durante a manhã, do dia 2 de fevereiro de 2018, a minha colega de estágio dinamizou a sua atividade avaliada pelas orientadoras da Unidade Curricular de Estágio Profissional.

A atividade foi iniciada por uma pequena saudação por parte da colega: perguntou como é que se encontravam os meninos, se estavam felizes e, em seguida, explicou o que iria fazer. Com as crianças sentadas no chão, em roda, começou por apresentar uma história que tinha criado para esta ocasião, com o nome de “Girassol”, e contou-a ao grupo de meninos. Ao longo da leitura, ia-lhes pedindo para fazerem gestos, dizerem lengalengas e cantarem algumas músicas que ia apresentando. Quando acabou de contar a história fez perguntas dirigidas a algumas crianças sobre a mesma e pediu a outros para fazerem o reconto.

Seguidamente, pediu aos meninos para se irem sentar nos lugares, onde já estavam previamente distribuídos pequenos vasos de barro e girassóis impressos para a atividade de matemática que iria dirigir. Questionou o grupo sobre o material que estava em cima das mesas e começou a fazer jogos, com os quais trabalhou a lateralidade, contagens e a posição das flores impressas em relação ao vaso que cada uma das crianças tinha.

Para finalizar, pediu aos meninos para se sentarem novamente em roda para começar a atividade de Conhecimento do Mundo. Explicou como era constituída a planta Girassol com exemplos de flores verdadeiras e, como atividade final, semeou sementes de girassóis com o grupo.

Ao realizarem o reconto de uma história ou de um pequeno acontecimento, as crianças desenvolvem a comunicação oral. O mesmo sucede ao repetirem as lengalengas ditas pela educadora. A comunicação que é possibilitada pela educadora irá desenvolver na criança a linguagem, alargar o seu vocabulário, construir frases mais

complexas e corretas, e adquirir um maior domínio da expressão e da comunicação. O desenvolvimento da linguagem oral depende do interesse que a criança tem por comunicar.

As lengalengas são importantes para o desenvolvimento da criança, pois permitem que esta desenvolva a sua imaginação e a sua linguagem. As crianças podem usá-las para as suas brincadeiras. Para além de se divertirem, aprendem, por exemplo, as cores, as vogais, os números, etc.

A criança pode aprender, de uma forma mais significativa, conhecimentos mais sólidos e duradouros, se o educador utilizar materiais manipuláveis. Estes não são a solução para a aprendizagem da matemática, mas, sim, uma solução para o seu suporte, ou seja, servem de instrumentos para a atividade. Os materiais manipuláveis oferecem um ambiente de motivação. As atividades com estes materiais irão proporcionar a compreensão da matemática de uma forma evolutiva.

Existe ainda outro objetivo na utilização dos materiais, para além do desenvolvimento do conhecimento. Estes materiais facilitam a comunicação e a interação entre crianças/alunos e o educador/professor.

O manuseamento de qualquer material usado cria uma certa afetividade com a aprendizagem da matemática, já que este é uma fonte de interesse e motivação para a criança, e permite também a tentativa e o erro. Os materiais manipulativos têm que representar ideias matemáticas que são abstratas para os alunos.

A utilização de materiais nas salas de aula vai permitir a diversificação de atividades de ensino; a realização de experiências em volta de situações problemáticas; a representação de ideias abstratas; a análise dos dados necessários à formação de conceitos, de uma forma sensorial; a oportunidade de as crianças descobrirem relações entre os vários conceitos da matemática; o aumento da motivação; o respeito pelas diferenças individuais. A utilização de materiais, no ensino da matemática, também proporciona à criança diversão e, dessa forma, os conceitos vão ser aprendidos de uma forma mais rápida e eficiente. Por isso, o aspeto lúdico é bastante importante e está presente nas atividades.

Existem muitos autores que defendem que o papel da brincadeira é bastante importante para um bom desenvolvimento da criança. As brincadeiras desenvolvem inúmeras capacidades: a criança aprende de uma forma espontânea, não tem medo de errar, ou seja, tem prazer em aprender, fortalece a sociabilidade, faz amigos, aprende a conviver com outros e respeita também os direitos dos colegas do grupo, participa em atividades sem ter receio de castigos e esperar uma recompensa, existe, enfim, uma preparação para o futuro.

Antes de iniciar a educação pré-escolar, a criança já sabe muitas coisas e construiu algumas ideias sobre o mundo social e natural que existe à sua volta. A área do Conhecimento do Mundo tem uma importância no desenvolvimento das crianças. Esta área está enraizada na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender o porquê das coisas.

A curiosidade é fomentada e alargada na educação pré-escolar, através de oportunidades de aprofundar e relacionar conhecimentos, bem como comunicar. O contacto com novas situações, suscita a curiosidade e o interesse por explorar, questionar, descobrir e aprender.

Segundo Silva, Marques, Mata & Rosa (2016):

A abordagem desta área de conhecimento parte do que as crianças já sabem e aprenderam nos contextos em que vivem. A exploração do meio próximo da criança tem para esta um sentido afetivo e relacional, que facilita a sua compreensão e apreensão e também proporciona a elaboração de quadros que explicam compreender situações mais distantes do dia-a-dia das crianças. (p. 88)

Como se pode ver as crianças aprendem que existe uma interação com o mundo que as rodeia.

1.2.2. Relato 2 – Domínio da Matemática – 4 anos

No passado dia 14 de maio de 2018, as crianças são acolhidas na escola em questão até às 9 horas da manhã. Ficam no salão a cantar várias músicas, orientadas por uma educadora, ou ficam a ouvir uma história. Pelas 9h 30m, as crianças vão até à casa de banho e, em seguida, vão para a sala do grupo (neste caso, no salão), onde se sentam nos devidos lugares. A educadora pergunta se todos estão bem e segue para as aprendizagens do dia.

Neste dia, os meninos e as meninas começaram por uma atividade de matemática. A educadora introduziu o material matemático que iria utilizar naquela hora, Dons de Fröebel, nomeadamente o 3.º e o 4.º. Começou por colocar diversas perguntas ao grupo sobre o material que tinham à sua frente e questionou uma criança sobre o sólido geométrico que compunha o 3.º Dom de Fröebel. Esta respondeu acertadamente, dizendo que era constituído por cubos. A educadora felicitou esta criança e perguntou a outra a mesma questão mas em relação ao 4.º Dom. Depois desta pequena introdução, pediu-lhes para construírem a Mobília do Quarto. Distribuiu imagens, em pequenas dimensões, onde estavam impressas camisolas e almofadas, e realizou exercícios de cálculo mental com quase todas as crianças. Também realizou exercícios de consciência numérica, ou seja, pediu a cada criança que colocasse um certo número de almofadas em cima da cama e o mesmo para as camisolas.

Após esta construção realizaram outra, a Escadaria. Com a utilização de outras imagens, nas quais estavam impressos meninos e meninas, realizou pequenas situações problemáticas não rotineiras. Quando finalizaram a construção, a educadora foi buscar as placas em esferovite e pediu a duas crianças para realizarem a Escadaria com este material. Entretanto, ia realizando situações problemáticas não rotineiras que outras crianças iam concretizando na Escadaria de esferovite.

Fizeram também a construção da Mobília da Sala e o Poço. Antes da realização desta última construção, a educadora distribuiu folhas A4, onde estava desenhado um pequeno jardim com duas macieiras e uma pequena casa. Em seguida, distribuiu imagens de maçãs. Contou uma história para contextualizar a construção do Poço naquela imagem impressa. Quando já tinham tudo realizado, questionou as crianças se já tinham visto um poço e realizou várias situações problemáticas. Os meninos distribuíram igualmente as maçãs pelas duas macieiras. Como ainda havia um pouco de tempo, o grupo ainda brincou com as peças, realizando construções livres.

Com a utilização do material matemático a cima descrito as crianças vão desenvolver o sentido do número que por muitas vezes torna-se difícil para os meninos porque é um conceito muito abstrato porque é considerado como uma propriedade de um mesmo conjunto. Devemos entender que o número em si não se pode manipular da

mesma forma como se faz com o resto dos objetos já que possuem propriedades como a cor, tamanho embora não possamos considerar estas qualidades independentes de um objeto.

Mais tarde, a criança dá conta de que os tamanhos, as cores, as formas e outras características dos objetos são propriedades físicas que se referem a dados concretos, enquanto o número é uma propriedade que se refere a um conjunto de objetos.

Torna-se difícil crianças tão pequenas muitas vezes perceberem estes conceitos mas o uso de materiais manipuláveis, como os Dons de Fröebel, no caso da aula observada, tornou a aprendizagem mais facilitada porque tiveram objetos para conseguirem perceber as regras do uso deste material.

Os materiais que são considerados didáticos são utilizados como um recurso no processo de aprendizagem, pois são o meio pela qual as crianças interagem com o mundo exterior.

O material ao ser visto, manipulado e explorado provoca um desenvolvimento e forma determinadas capacidades, atitudes e destrezas.

Estes foram criados com várias funções; a função informadora, aqui a criança obtém certas informações sobre a qualidade dos objetos, como, a cor, o tamanho, espessura etc.; a função estruturadora está relacionada com a forma como as capacidades sensoriomotoras, percetivas e operativas se constroem; a função modeladora vai “modelar” as estruturas cerebrais dos alunos que irá contribuir para a formação da personalidade; a função mediadora, o material é mediador entre aquilo que é concreto e a ideia, ou seja, faz a ligação entre o concreto e o abstrato; a função relacional, esta função dá à criança noções das relações dos objetos, da situação entre o espaço e o tempo, através destas relações os alunos começam a ter uma capacidade lógica; a função simbólica representativa, função didática que oferece modelos à criança que sejam realidades que não sejam facilmente acessíveis às crianças e por fim existe a função instrutiva que deve adequar os meios didáticos e as funções instrutivas, a educadora deve ter presente estes aspetos na hora da realização de tarefas, tem que saber o que vai desenvolver e estar atento a qualquer inquietação que a criança demonstre.

Os materiais manipuláveis oferecem um ambiente que promove a motivação na sala de aula, atividades que irão proporcionar a compreensão da matemática de uma forma evolutiva.

O manuseamento de qualquer material usado cria uma certa afetividade com a aprendizagem da matemática, já que estas são uma fonte de interesse e motivação para a criança, permitem também a tentativa e o erro, facilitam a comunicação e a interação

entre os alunos e o educador/professor. Os materiais manipulativos têm que representar ideias matemáticas que são abstratas para os alunos.

A necessidade de proporcionar uma educação matemática de qualidade a todos os alunos, tem levado educadores, a propor diferentes formas de abordar o conhecimento em sala de aula. A relação entre o jogo e a matemática é defendida por diversos investigadores na Educação Infantil, pois é neste período que as crianças devem encontrar o espaço para explorar e descobrir elementos da realidade que as cerca.

A criança deve ter oportunidade de vivenciar situações desafiadoras, as quais são proporcionadas pela utilização de jogos como recurso pedagógico. O jogo, como proposta educativa, nunca pode estar dissociado do conjunto de elementos presentes no acto de ensinar e pode ser uma estratégia, para proporcionar a aprendizagem (Caldeira, 2009). Ao longo do estágio tive a oportunidade de observar e de verificar que a grande maioria das crianças aprende com mais facilidade quando tem estes materiais de apoio.

1.2.3. Relato 3 – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos

No dia 9 de abril de 2018, as crianças são recebidas na escola até as 9h da manhã, no salão onde normalmente estão a ouvir histórias ou então estão a cantar canções sendo sempre orientados por uma ou mais educadoras.

Neste dia em questão iria lecionar o dia inteiro e comecei com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Inicialmente comecei por pedir a cada criança que se sentasse no respetivo lugar para começarmos com as atividades que tinha planeado. Li a história *Quando crescer, quero ser...* após a leitura da mesma realizei algumas perguntas sobre a história, por exemplo, a ordem das profissões que apareciam ao longo da mesma e outras características que não estavam no livro e que pudessem saber.

Seguidamente, questionei cada criança sobre qual era a profissão que queriam ser quando “fossem grandes”. Passados 30 minutos da leitura da história e da pequena conversa que tive com cada uma delas, entrou a professora de inglês para lecionar a sua aula que tinham também uma duração de 30 minutos.

Quando a aula de inglês acabou realizei com a turma, o jogo da memória.

Este jogo era constituído por dez cartões com imagens e com as palavras correspondentes. Coloquei os cartões no quadro de uma forma aleatória e as crianças tinham que encontrar o par correspondente quando chamados ao quadro. Quando era descoberto o par colocava algumas perguntas sobre a palavra, por exemplo, se a criança realizasse o par imagem do balão e a sua palavra, solicitava outra palavra que começasse com a letra B, que tivesse a mesma terminação da palavra, ou seja, palavras que rimassem e para finalizar pedia sempre que cada criança colocasse a palavra que estava a ser trabalhada numa frase, ou seja, realizava a contextualização da mesma.

Entrando numa área específica da escola em que estive a estagiar, colocava algumas perguntas que envolvessem a Cartilha Maternal João de Deus. O mesmo se sucedeu para o resto dos cartões.

Como foi dito anteriormente, a Cartilha Maternal João de Deus é um recurso de trabalho muito característico da escola onde estive a estagiar, portanto levei duas crianças à Cartilha e, dei pela primeira vez a vigésima primeira lição.

Enquanto, estava na Cartilha, o resto do grupo realizava uma proposta de trabalho onde tinham que circundar a amarelo o final das palavras que terminassem em ão(s), a verde as palavras que terminassem em ãe(s) e a azul as palavras que terminassem em õe(s) e existiam também palavras intrusas.

Segundo Campagnolo (1979),

A leitura pode ser considerada como um processo fundado na aptidão do leitor estabelecer associações directas entre o sentido, a expressão gráfica e a expressão fónica dos componentes das mensagens linguísticas, seja qual for o sistema de representação gráfica ou código escrito.

Aprender a ler irá depender da simplicidade de um código escrito que é usado, ou seja, o uso de grafemas, que são elementos gráficos que ajudam a perceber a mensagem que está escrita da parte de quem lê.

A obtenção das letras é a aquisição das associações de estruturas gráficas com os sons de cada letra manifestando-se sob a forma de uma série de palavras que ilustram cada letra é feita de uma forma progressiva e caracteriza-se pelas palavras de cada lição, que está presente na Cartilha Maternal, que são escolhidas de modo a conter letras que já foram adquiridas anteriormente e uma nova figura caso o aluno já tenha aprendido bem as lições que estão mais atrás.

Este princípio implica que as letras e as vogais presentes em cada palavra já sejam aprendidas pelas crianças e saibam também os seus valores.

Cada consoante é incluída numa determinada lição que a criança aprende diariamente bem como os seus valores, ou seja, aprende que cada letra pode ter várias formas de se ler e inicialmente são ensinadas as fricativas e só depois é que vamos aumentando o grau de dificuldade.

Uma criança ou um aluno (caso esteja a frequentar o 1º ciclo) para aprender a ler tem que ter três condições necessárias para esta aprendizagem: a criança tem que ser exposta regularmente aos símbolos (letras), devem ser representados e apresentados em sequências temporais e espaciais organizadas de maneira a validarem a linguagem.

A segunda condição a criança tem que saber compreender que cada símbolo representa uma só letra e são a chave para a sua estruturação.

Por fim, citando Beard (2010) como não se aprende de uma forma espontânea, à partida, o professor/educador tem que ensinar de uma forma calma e tranquila para que os meninos aprendam num ambiente calmo para não ganharem medos e receios.

1.2.4. Relato 4 – Área do Conhecimento do Mundo (Abordagem às Ciências Experimentais) – 4 anos

Esta atividade que observei foi realizada numa escola privada, no dia 26 de setembro de 2017, na cidade de Leiria a dois grupos de crianças de 4 anos. Ambos os grupos estavam sentados no chão atrás uns dos outros em pequenas filas.

Uma das educadoras colocou em cima de uma das mesas um copo de vidro vazio, um pacote de 1Kg de arroz e uma noz.

De seguida, pediu a uma criança para colocar a noz no fundo do copo, o segundo passo foi encher o copo com arroz, neste procedimento já pediu a outras duas para encherem o copo com o arroz que estava dentro do pacote.

Enquanto uma educadora realizava a atividade experimental com algumas crianças, a outra educadora contava histórias e ocasionalmente também cantava algumas músicas com os restantes elementos dos grupos.

Uma das educadoras começou a abanar o copo da direita para a esquerda para criar movimento entre os bagos de arroz, ou seja, queria que o ar existente fosse cada vez menor e através dos movimentos que estava a aplicar a noz iria subir e tornar-se visível. Não realizou este passo sozinha, foi chamando crianças para o realizarem também.

Quando acabou de realizar a atividade experimental, os dois grupos de crianças realizaram um desenho com aquilo que tinham observado ao longo da hora de atividade que tiveram.

Segundo Reis (2008),

A ciência nos primeiros anos de escolaridade pode ser definida como o estudo, a interpretação e a aprendizagem sobre nós mesmos e o ambiente que nos rodeia, através dos sentidos e da exploração pessoal. A ciência no Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico constitui uma forma racional de descobrir o mundo, que envolve (1) o desenvolvimento da vontade e da capacidade de procurar e usar evidências, (2) a construção gradual de conceitos que ajuda a entender as vivências do dia-a-dia e (3) a promoção de capacidades e atitudes necessárias à investigação, à resolução de problemas, à colaboração e à discussão. (p. 15)

Para o autor atrás referido a educação das ciências nas escolas não envolve só a aprendizagem de conhecimentos, a apropriação de conhecimentos constitui um aspeto importante para o ensino das ciências e necessita de ser acompanhada e apoiada pelo desenvolvimento de atitudes e de capacidades.

Nos primeiros anos de escolaridade é importante que o desenvolvimento de atitudes promova a análise e discussão de estereótipos à ciência.

A meu ver, a educadora devia ter explorado mais os conhecimentos prévios das crianças, devia também ter deixado as mesmas explorar o material antes de ter realizado a atividade experimental. Acho também que a outra educadora não devia ter

estado a ler uma história porque não iria haver uma boa promoção da concentração por parte de todos.

1.2.5. Relato 5 – Visita de Estudo – 4 anos

No dia 22 de junho de 2018, houve uma visita de estudo em que todas as crianças da Educação Pré-Escolar participaram, ou seja, foram os dois grupos de 3, 4 e de 5 anos. Para acompanhar as crianças foram as duas educadoras de cada idade e também várias estagiárias que estavam a acompanhar cada grupo.

Cada adulto estava sempre numa atividade diferente e nunca se encontravam numa estação, esta visita de estudo teve a duração do dia inteiro, das 9h às 17h, e foi realizada no campo de férias MY CAMP.

No dia em estes grupos da Pré-Escolar, da escola específica onde estava a realizar estágio, estavam lá outras escolas o que fez com que tivéssemos que estar mais atentas e vigilantes ao nosso grupo de crianças.

As atividades que foram realizadas neste dia foram: fazer pão e salame, slide, jogos tradicionais portugueses, foram também visitar uma pequena quinta que era constituída por porcos, veados, burros, galinhas, patos entre outros. Para finalizar o dia foram também ver o parque aquático que existia lá.

A meio do dia, foi realizado um pequeno piquenique onde cada criança comeu fatias de pizza, batatas fritas e beberam água ou sumo, consoante o gosto de cada um.

Depois das atividades todas e à entrada no autocarro para voltarmos para a escola, alguns dos monitores que nos tinham acompanhado ao longo do dia, distribuíram por cada criança, uma pulseira com o nome da colónia de férias e assim cada uma delas ficou com uma pequena recordação deste dia.

As visitas de estudo são um momento que constituem um dos meios mais conhecidos que são usados para estimular as aprendizagens dos alunos (Trindade, 2002).

Segundo Trindade (2002):

A importância das visitas de estudo diz respeito quer ao modo como fazem, ou não, sentido para os alunos que as realizam e os professores que as organizam quer ao modo como são preparadas, concretizadas e avaliadas. Permitindo um contacto privilegiado com o meio envolvente e vivências educativas interessantes pelo facto de valorizarem um contacto real e concreto com as coisas (...) (p. 30).

Segundo o autor, as visitas de estudo abrem possibilidades de intervenção educativa interessantes, desde que se perceba que estas atividades não se esgotem nas visitas (p.30).

Foi um dia muito cansativo tanto para as crianças como para nós mas todo este cansaço foi recompensado quando as víamos felizes, a sorrir e às gargalhadas com as atividades que estavam a realizar com os amigos. Estar responsável por um pequeno grupo de crianças foi bastante gratificante porque tive a certeza que estava no percurso

certo mas também tive alguns receios e um deles foi garantir o pleno bem-estar do grupo de crianças que estava responsável.

1.2.6. Relato 6 – Disciplina de Matemática – 1.º ano

No dia 26 de outubro de 2018 observei uma aula de matemática na sala do 1.º ano onde estava a realizar o estágio profissional. Esta é constituída por 25 crianças com alguma facilidade nesta disciplina e a aula que foi lecionada pela professora titular da turma que utilizou o material matemático Geoplano.

Iniciou a aula por perguntar aos alunos qual é que era o material que tinham à sua frente e em seguida questionou-os quais é que eram as características específicas do mesmo.

Depois desta primeira abordagem questionou-os sobre o que eram duas figuras iguais e se era possível através daquele material representá-las.

Realizou exercícios em que pedia para realizarem figuras com determinados espaços entre os pregos e também no seu interior. Enquanto os alunos realizavam as figuras ia fazendo perguntas de cálculo mental e criando pequenas situações problemáticas relacionando com o material em uso.

Já no final da aula a professora deu a indicação aos alunos que podiam realizar desenhos livres com o Geoplano.

Caldeira (2009) defende que a utilização deste material tem que ser feita de uma forma lógica e com uma sequência tendo em conta a idade dos alunos e também o programa (p. 409).

Para esta autora, o Geoplano é um material matemático que vai desenvolver “a coordenação visual-motora, ou seja, a capacidade de coordenar a visão com os movimentos do corpo e a percepção figura-fundo, desenvolvida através destas actividades, é algo que deve ser estimulada desde os primeiros anos de vida.” (p. 409)

A utilização dos jogos em matemática vão permitir tanto aos alunos como aos professores uma boa relação desta disciplina com algo que os alunos gostam de fazer, ou sejam desenvolve várias funções do crescimento da criança/ aluno. (Caldeira, 2009, p. 40)

Para Prado (2003, citada por Caldeira (2009)

O jogo é necessário para o desenvolvimento normal da criança e para alcançar a sua maturidade social. O professor deve programar a aprendizagem com o jogo, mediante o processo evolutivo das crianças, de forma a abarcar diversos aspetos, como os emocionais, físicos, estéticos, sociais, morais, de maneira a existir uma aprendizagem total. (p. 44)

A introdução de jogos torna-se essencial, não só como forma de transmissão de conteúdos matemáticos mas também como um método para desenvolver nas crianças o gosto pela matemática. (Alves e Brito, s.d.)

Considero que a professora soube promover esse gosto e que revelou estar muito segura e confiante com os conhecimentos que queria trabalhar.

1.2.7. Relato 7 – Disciplina de Inglês – 2.º ano

No passado dia 14 de junho de 2019, a turma do 2.º Ano teve uma aula de inglês. A aula iniciou-se com a professora a saudar os alunos, maioritariamente em inglês, perguntando se se encontravam bem e se tinham brincado muito (a aula de inglês neste dia era depois de almoço e depois também do recreio).

De seguida, a professora colocou a música de início de aula e todos cantaram e fizeram os gestos específicos que ditava na mesma.

Em seguida a professora perguntou aos mesmos que dia era e como é que estava o tempo.

Depois de todos os alunos responderem em inglês a professora começou a dar os conteúdos propostos para aquele dia.

Nesta parte da aula puderam cumprir-se alguns das finalidades da Língua Inglesa no 1º Ciclo do Ensino Básico (Bento, Coelho, Joseph & Mourão, 2005):

1. fomentar uma relação positiva com a aprendizagem da língua – através da relação mantida entre a professora, os alunos e a própria língua inglesa;
2. fazer apreciar a língua enquanto veículo de interpretação e comunicação do/com o mundo que nos rodeia – beneficiando o inglês como língua de comunicação oral e escrita;
3. promover a educação para a comunicação, motivando para valores como o respeito pelo outro, a ajuda mútua, a solidariedade e a cidadania – pelo estabelecimento de regras e dando oportunidade de todos participarem em algum momento;
4. contribuir para o desenvolvimento equilibrado de capacidades cognitivas e socioafectivas, culturais e psicomotoras da criança – interligando atividades de escrita, conversação e de dança.
5. favorecer atitudes de auto-confiança e de empenhamento no saber fazer – conseguida através a nomeação de teachers.

O que iam aprender de novo eram as estações do ano, novamente através de uma canção a professora começou a falar aos alunos de cada uma delas e foram dando o seu ponto de vista sobre cada uma delas, aqui já em português mas a professora foi ajudando os mesmos a colocarem todo o seu raciocínio em inglês.

O ensino de inglês no 1.º Ciclo do Ensino Básico tem as seguintes finalidades, segundo Dias e Toste (2006)

Sensibilizar para a diversidade linguística e cultural; promover o desenvolvimento da consciência da identidade linguística e cultural através do conforto da língua estrangeira e a(s) cultura(s) por ela veiculada(s); fomentar uma relação positiva com a aprendizagem da língua; fazer apreciar a língua enquanto veículo de interpretação e comunicação do/com o mundo que nos rodeia; promover a educação para a comunicação, motivando para valores como o respeito pelo outro, a ajuda mútua, a solidariedade e a cidadania; construir para o desenvolvimento equilibrado das capacidades cognitivas e sócio afectivas, culturais e psicomotoras da criança; proporcionar experiências de aprendizagem significativas, diversificadas, integradoras e socializadoras; favorecer atitudes de auto-confiança e de empenho no saber-fazer; estimular a capacidade de concentração e de memorização; promover o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem; fomentar outras aprendizagens. (p.6)

Como podemos verificar existe bastante interesse na aprendizagem de uma segunda língua e nos dias de hoje ela ainda se reflete de forma mais globalizadora e de interesse a todos os níveis.

1.2.8. Relato 8 – Disciplina de Estudo do Meio (trabalho de grupo) – 3.º Ano

No dia 1 de março de 2019, estava a realizar o estágio na sala do 3.º Ano. A turma é constituída por 23 alunos sendo sete raparigas e dezasseis rapazes.

Neste dia em questão, a professora titular da turma realizou um trabalho de grupo com os alunos onde queria rever quais eram as formas de relevo que já tinham estudado em sala de aula e que tinham também feito parte do teste de avaliação que se tinha realizado há umas semanas.

Antes de juntar a turma em grupos, a mesma fez a tal revisão sobre as formas de relevo e pediu que os alunos dessem uma pequena explicação sobre as várias formas.

Seguidamente, a professora juntou a turma em grupos de 3/ 4 elementos, distribuiu tabuleiros de plástico, papel celofane verde e azul (para representar a terra e o mar/ rio), anteriormente à realização da atividade experimental a professora pediu para que os alunos trouxessem areia para a realização da mesma. Esta tarefa foi feita pela maioria da turma mas um aluno em questão trouxe mais areia para aqueles grupos que não tinham areia ou então para aqueles que tinham muito pouca.

A professora circulou pelos grupos e deu a cada um duas formas de relevo para que eles a partir da areia e do papel celofane conseguissem representar da melhor maneira o que lhes tinha calhado em sorte.

Houve grupos que tiveram muita facilidade na representação mas em contraste houve outros que tiveram mais dificuldade porque o trabalho de grupo não estava ser realizado da melhor forma, ou seja, cada um dos alunos queria fazer aquilo que estava a pensar e não discutiram em grupo as ideias de cada um.

Contudo, conseguiram ultrapassar as dificuldades e realizaram bons trabalhos de grupo e os resultados finais ficaram muito bem-feitos e a turma estava orgulhosa com o que tinha criado.

Quando já tinham arrumado a sala, cada grupo foi apresentado o resultado final ao resto da turma e à professora. Cada elemento do grupo tinha que dizer um aspeto positivo e negativo do trabalho em grupo que tinham realizado e também se gostaram de realizar a atividade.

Segundo Sá (2002):

Na fase etária correspondente ao 1.º ciclo, as crianças encontram-se no estágio das operações concretas, do ponto de vista da teoria de desenvolvimento cognitivo de Piaget. (...) As Ciências da Natureza, enquanto processo, enquanto método de descoberta, promovem oportunidades excelentes para uma aprendizagem centrada na acção e na reflexão sobre a própria acção. (p.30)

Segundo Reis (2008) os educadores e os professores devem propor atividades científicas importantes e interessantes para as crianças, devem ter modelos de atitude investigativas e críticas perante um mundo e encorajar nas crianças esta mesma atitude (p.16).

Tanto na Educação Pré-Escolar como no 1.º Ciclo do Ensino Básico são tempos e espaços privilegiados para as crianças contactarem e experimentarem uma grande diversidade de situações e fenómenos (Reis,2008).

Segundo este mesmo autor, decidir, resolver problemas ou mesmo raciocinar dependem das circunstâncias, ou seja, da experiência daquilo que está em questão. A educação em ciência deve assim contrariar a concepção de que a ciência deve funcionar como um grande conjunto de factos (p. 17).

O mesmo autor afirma que o trabalho de grupo revelou-se decisivo para o desenvolvimento cognitivo e socio-afetivo dos alunos. Este tipo de trabalho não deve ser entendido por eles como uma possibilidade de trabalharem menos ou mesmo de verem algumas tarefas realizadas pelos outros membros do grupo (p.153).

Na minha opinião, a professora devia ter distribuído melhor as tarefas e, se calhar, organizar os grupos de outra forma. Será que pelo facto de serem mais rapazes contribui para haver mais dificuldades e confusão?

1.2.9. Relato 9 – Assembleia de turma – 4.º ano

No dia 15 de janeiro de 2019 assisti a uma Assembleia de Turma na sala onde estava a estagiar.

Neste momento, os alunos mostram ao resto da turma os livros que leram nas férias ou então durante as semanas anteriores, contam as partes que gostaram mais e menos e fazem também um resumo do livro e relatam partes mais relevantes que acharam para eles.

Nesta assembleia foram três alunos que apresentaram livros, o aluno 1 apresentou o livro “Charlie e a fábrica de chocolate” constatou que a moral da história é que nem sempre temos tudo o que queremos e temos que lutar para os obter.

Outro grande livro que foi apresentado foi “ Lápis mágico de Malala” Este mostrou que tinha gostado muito da leitura do livro porque Malala é uma menina que gostava muito devido à sua história de vida e aquilo que foi conseguindo conquistar ao longo da sua curta vida. O resumo deste livro é que esta menina tinha um lápis mágico e que através dele tinha tudo o que queria e dava aos seus familiares mais próximos.

O terceiro e último aluno apresentou o livro “ Homem cão” mas em particular não conseguiu explicar bem o que o livro dizia porque era uma série de aventuras que este Homem cão teve ao longo da história.

Depois desta apresentação de livros houve uma troca de livros porque outros alunos queriam e com muito agrado os donos dos livros emprestaram e ainda houve uma espécie de “fila de espera” para a leitura destes mesmos livros.

Seguidamente, foi começado a debater-se problemas que a turma tinha tido ao longo da semana anterior. Os alunos que tiveram algum tipo de conflito com alguém da turma ou de outras turmas e de uma forma calma e mediada pela professora titular da turma os problemas foram resolvidos e o ambiente de calma e concórdia voltou a vigorar na sala do 4.º ano.

Segundo Reis (2008),

A educação para a cidadania, ou seja, a preparação intelectual e afetiva dos indivíduos para o desempenho consciente dos seus papéis numa sociedade democrática através da construção de conhecimentos e da promoção de capacidades, valores e atitudes constitui uma das finalidades de qualquer sistema de ensino. (p.155)

Segundo este mesmo autor, a escola tem um papel importante e de principal recurso na educação para a cidadania, aqui é demonstrado e praticado o exercício de direitos, responsabilidades e deveres.

Os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico devem transmitir conjuntos de valores e princípios a cada um dos seus alunos para que estejam a formar cidadãos responsáveis, sempre com a ajuda dos Encarregados de Educação. Sendo assim, o

aluno deve ter em mente três princípios: (1) concepção não abstrata de cidadania; (2) identificação de domínios essenciais em toda a escolaridade e, por fim (3) identificação de competências essenciais de formação cidadã (Competências para uma Cultura da Democracia) (Ministério da Educação, p. 6)

A mesma fonte, defende que

na abordagem da educação para a cidadania propõe-se que se esteja atento aos três eixos que foram recomendados, em 2008, pelo Documento do Fórum Educação para a Cidadania: (1) Atitude cívica individual (identidade cidadã, autonomia individual, direitos humanos; (2) Relacionamento interpessoal (comunicação e diálogo) para finalizar, (3) Relacionamento social e intercultural (democracia, desenvolvimento humano sustentável, globalização e interdependência, paz e gestão de conflitos). (p.6)

A meu ver, considero fundamental que os alunos tenham as Assembleias de Turma porque é um momento onde falam sobre aquilo que mais os preocupa, os interessa e onde resolvem os seus problemas sem ter que recorrer à violência e são ajudados pela professora.

1.2.10. Relato 10 – Disciplina de Português – 4.º ano

No passado dia 21 de janeiro de 2019 lecionei uma aula de dia inteiro na turma do 4ª Ano, da escola B onde estive a estagiar.

Este grupo é um pouco heterogéneo porque existem alunos que têm bastante facilidade em exprimir quer o que estão a pensar quer nas suas produções escritas. Contudo, existe um grupo reduzido de alunos que ainda tem bastante dificuldade na interpretação de um texto e também na escrita.

Na disciplina de Português, realizei a leitura do texto “Civilização”, uma adaptação de Luísa Ducla Soares do texto de Eça de Queirós.

Maria Luísa Bliebernicht Ducla Soares de Sottomayor Cardia nasceu em Lisboa no dia 20 de julho de 1939. Tem dedicado a sua vida à escrita e à investigação e divulgação da literatura para a infância e juventude. É licenciada em Filosofia Germânica pela Universidade Clássica de Lisboa, dedicou-se à Literatura para crianças e jovens, em prosa e poesia, publicou um grande número de obras neste domínio. Foi nomeada diversas vezes para o Grande Prémio de Literatura Infantil pela parte do Serviço Nacional de Informação. Recebeu o Prémio Calouste Gulbenkian para o melhor livro do biénio entre 1984- 1985 com o livro “Seis Histórias às Avessas”, recebeu em 1996 o Grande Prémio Calouste Gulbenkian pelo conjunto da sua obra. Foi candidata também ao Prémio Andersen em 2004.

Durante a hora destinada à disciplina de Português, comecei pela leitura modelo do excerto do texto “Civilização”. De seguida, pedi a alguns alunos para lerem o mesmo. Posteriormente, coloquei várias perguntas sobre aquilo que eles pensavam sobre o que tinham lido.

Em concreto na aula que lecionei, depois de ter lido o texto, questionei os alunos sobre o motivo de o amigo do autor do texto andar sempre aborrecido. Depois de pensarem um pouco, alguns disseram-me que como tinha muito trabalho e como estava sempre sozinho era natural andar sempre com aquele estado de espírito. E também como tinha muitos livros e como andava sempre a cortar-se nos objetos de trabalho também era motivo para andar assim.

Seguidamente, passei à parte da escrita. A pergunta era: “ Na tua opinião, o que é uma pena elétrica e um lápis mecânico?”. Depois de dar um tempo para reflexão obtive várias respostas. Apresento de seguida as respostas (mais originais) que alguns alunos disseram:

1.º Aluno: “ Na minha opinião uma pena elétrica é uma pena que trabalha com eletricidade e um lápis mecânico trabalha sozinho.”;

2.º Aluno: “ Na minha opinião uma pena elétrica é uma pena que trabalha com eletricidade e um lápis mecânico é um lápis que tem mecânicidade.”;

3.º Aluno: “ Uma pena elétrica é uma caneta que escreve sozinha e um lápis mecânico é um lápis que se carrega no botão e aparece uma borracha para apagar as palavras.”;

4.º Aluno: “Uma pena elétrica é uma pena que dá choques e um lápis mecânico é um lápis que escreve sozinho.”.

Segundo Magalhães (2008):

Espera-se da escola do 1.º Ciclo (6 a 10 anos de idade) que ela alfabetize as crianças e que consolide esse processo, exercitando a utilização das estruturas linguísticas de base, para comunicar e informar sobre a realidade onde estão mergulhadas, avançando gradativamente no domínio da leitura (informativa, de divulgação e estudo, literária). Tal objectivo é trabalhoso, exige esforço tem de ser divertido ou criativo. Quando se atinge o estado adulto, por princípio, também não se preenchem formulários para ter prazer, nem se lêem notícias criativamente. (...) (p.64)

A leitura de livros às crianças tanto em idade de Educação Pré-Escolar como no 1.º Ciclo irão desenvolver a imaginação, a criatividade e o gosto pela leitura.

Segundo Mateiro (2018):

Ouvir e ler histórias é entrar em um mundo encantador, cheio ou não de mistérios e surpresas mas sempre muito interessante, curioso, que diverte e ensina (Basso, s.d. p.1) Esta é uma das maiores razões que nos mostra como é bom deixarmos envolver no mundo da literatura. (p.6)

A aprendizagem da leitura é um processo contínuo, longo e por vezes um pouco complexo para alguns dos seus aprendizes. Contudo, este é instrumento fundamental para o ser humano e “ Todos reconhecemos que saber ler é uma condição indispensável para o sucesso individual, quer na vida escolar, quer na vida profissional” (idem, p.7).

Para concluir, tanto os educadores e os professores devem apostar mais na leitura de livros ou pequenos contos às suas crianças e alunos. Devem também ler diante deles para darem o exemplo e assim motivá-los para a leitura e ainda, transmitir também a importância desta na vida deles, despertar a curiosidade e o desejo de aprender sobre um tópico específico para o interesse pessoal.

Desta atividade, o que gostei mais foi ouvir as opiniões dos alunos sobre o texto, quais eram os pontos de vista das personagens que entravam na história. A uma certa altura pedi-lhes para eles traçarem o perfil psicológico e físico mais pormenorizado delas.

Neste capítulo dos relatos apresentei os que considerei mais pertinentes e interessantes para este efeito. Porém, não posso deixar de referir que observei durante os diversos estágios muitos outros momentos que me marcaram e que me ensinaram bastante nas diversas áreas que aqui não foram contempladas. Também não posso deixar de referir a importância das rotinas ao longo do dia por transmitirem às crianças segurança e organização do tempo de trabalho e do tempo de recreio.

2. Capítulo 2 – Planificações

2.1. Descrição do capítulo

O presente capítulo apresenta o significado de planificação, qual o objetivo de planificar, realizando uma fundamentação teórica sobre este tema.

Neste capítulo, constam quatro planificações de aulas lecionadas por mim nas três grandes áreas, Domínio da Matemática, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e, por fim, na Área do Conhecimento do Mundo, para grupos de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos. Serão também apresentadas quatro planificações do primeiro ciclo do Ensino Básico nas disciplinas curriculares que são lecionadas, como o Português, a Matemática e o Estudo do Meio,

As planificações que irão ser apresentadas terão estratégias, pensadas por mim, com o objetivo de desenvolver competências e destrezas de acordo com a faixa etária. Os materiais apresentados nas planificações como recursos, são essenciais para motivar as crianças/alunos. Considero também que são a ferramenta que poderá fazer a diferença e que consegue cativar para algo mais lúdico e didático e também podem funcionar como facilitadores de aprendizagem.

2.2. Fundamentação Teórica

Segundo o dicionário de Língua Portuguesa, planificar é definido como planejar, preparar e determinar um plano de atividades podendo ser definido também como o ato ou efeito de planificar.

Gonzáles (citado por Moitas 2003) planificar é estudar, organizar, coordenar, em suma, é “uma atividade deliberada que consiste em desenvolver um conjunto de possíveis ações adequadamente articuladas para alcançar um conjunto de metas” (p.43).

O ato de planificar é essencial para um educador/professor porque é a partir daqui que as planificações são elaboradas e onde se organizam atividades que queremos realizar com o grupo de alunos com quem estamos a trabalhar.

Para que um educador/professor consiga planificar uma atividade/aula tem que estabelecer um objetivo para aquilo que vai realizar, ou seja, escolher o tema da aula que vai dar, saber que estratégias usar.

Segundo Moitas (2013):

Na educação a planificação envolve a integração do professor-aluno com as relações sociais, económicas, políticas, culturais, bem como os elementos escolares, objetivos, conteúdos, métodos, como a função de explicitar princípios e execução das atividades escolares. Assim o professor poderá realizar um ensino de qualidade, banir a monotonia e a rotina e o desinteresse do processo ensino-aprendizagem (p. 43).

Este autor também defende que a planificação é uma orientação que irá auxiliar na concretização de uma atividade que se irá desenvolver numa aula. Torna-se necessária também ao educador na medida em que:

ele se preocupa em ter qualidade no que faz. Sendo assim, as suas ações têm consequências não só nos seus alunos, bem como também em si mesmo e acabam por afetar a sociedade. Se o papel do professor é o de provocar desequilíbrio, mudança, também nessa ação, a planificação torna-se um passo principal, abrindo caminhos ao conhecimento, às mudanças e à transformação, que são os objetivos da educação (pp-43-44).

Zabalza (1992) defende que se clarearmos mais o processo de planificação encontramos:

Um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que atuará como *apoio conceptual e de justificação do que se decide*; um propósito, fim ou meta a alcançar que nos indica a direção a seguir e por fim, uma previsão a respeito do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimento que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das atividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo (p. 48).

Este autor afirma também que os professores ao planificarem têm de ter em atenção alguns aspetos, como por exemplo, “os professores dedicam a maior parte do tempo da planificação a decidir que conteúdos vão ensinar; concentram o seu esforço na preparação dos processos instrutivos, isto é, que estratégias e atividades se vão realizar; e por fim dedicam uma escassa proporção de tempo aos objetivos” (p.54).

Moita (2013) explica que:

Ao iniciar uma atividade, é importante que o educador tenha uma perspetiva abrangente sobre o processo de ensino-aprendizagem a desenvolver com as crianças, tanto no que diz respeito especificamente à sua atitude como educador, bem como a ação dos vários intervenientes educativos como um todo na ação educativa. Para tal (...). É necessário que os educadores planifiquem corretamente as atividades que vão elaborar com os seus alunos, de maneira a que a aprendizagem seja bem assimilada tendo para isso, instrumentos de planificação e regulação pedagógica (projeto educativo, projeto pedagógico e plano de atividades) que os ajudem nessa tarefa sendo estes, explicados e exemplificados neste nosso trabalho (p. 44).

A planificação do ensino realiza-se em diferentes temáticas e em diferentes segmentos temporais ao longo do ano e que o educador/professor leciona.

Sendo assim, Arenas (s.d.) afirma que

A planificação de estratégias pedagógico-didáticas decorre da definição, prioridade e sequência de objetivo e conteúdos complementam-se com os processos e métodos de os ensinar ou aprender, de modo que o que ensina ou aprende se vem a clarificar no como se ensina ou aprende (p. 433).

Este mesmo autor defende que “a ciência ou arte de ensinar” está na determinação de uma orientação que combina atividades de ensino-aprendizagem com objetivos com determinadas situações iniciais dos alunos. Tem que existir “uma necessidade de caracterizar os estados iniciais dos alunos e de definir estratégias e atividades que permitam alterar, transformando-os noutros que se deseja que os alunos atinjam” (p.437).

O conjunto de todos os conhecimentos existentes e os que adquirem de novo ganham uma grande importância junto dos alunos a quem o educador/professor transmite estes saberes.

Assim, o educador/professor, ao planificar uma atividade/aula, deve ter em consideração a faixa etária das crianças/alunos, o que melhor se adequa aos objetivos a desenvolver e as condições que tem disponíveis. Contudo, deve também ser flexível a alterar quando é necessário e não deixar de refletir sobre o que fez e como o fez. Após essa reflexão, o educador/professor deve novamente planificar e agir junto do seu grupo com uma abordagem adaptada e adequada aos conteúdos que visa implementar.

Também na área da formação pessoal e social o docente deve planificar atividades/momentos que permitam trabalhar as capacidades, os valores e as atitudes de molde, a conseguir promover um desenvolvimento mais harmonioso.

2.3. Planificação em Quadro

2.3.1. Planificação da Área do Conhecimento do Mundo – 3 anos

No quadro 2 está apresentada a planificação de uma atividade na Área do Conhecimento do Mundo, em que foi transmitida às crianças qual era a importância da fruta na vida das pessoas e em seguida foram apresentadas várias imagens de árvores de fruto.

Quadro 2 - Planificação da atividade na Área do Conhecimento do Mundo

Área de conteúdo: Área do conhecimento do Mundo			
Componentes	Tempo	Estratégias	Recursos
Conhecimento do Mundo: – A fruta;	14h/16h	– Explicar a importância da fruta na vida das pessoas; – Transmitir às crianças de onde vem a fruta; – Mostrar várias imagens de árvores de fruto através de imagens; – Dar a provar às crianças diversas frutas e mostrá-las; – Realizar com as crianças uma salada de frutas.	– Vários tipos de fruta; – Imagens impressas de vários tipos de árvores de fruta; – Taça; – Faca; – Frutas para a realização da salada de fruta.

Esta atividade foi realizada no dia 9 de fevereiro de 2018 e foi concretizada com um grupo de crianças de 3 anos.

Nunca é demais repetir que antes de iniciarem a educação pré-escolar as crianças já têm certos conhecimentos sobre o mundo que as rodeia. No entanto, é através da interação com ele que elas se desenvolvem, aprendem e encontram respostas às suas dúvidas.

Segundo Silva, Marques, Mata e Rosa (2016):

Os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interação com o mundo que os rodeia. Ao iniciar a Pré-Escolar, a criança já sabe muitas coisas e construiu algumas ideias não só sobre o mundo social e natural envolvente, mas também sobre o modo como se usam e para que servem objetos, instrumentos e máquinas do seu quotidiano (p. 85).

Estas autoras afirmam também que a área do Conhecimento do Mundo está enraizada na curiosidade que as crianças já têm e no desejo de quererem saber mais sobre os temas e também de gostarem de saber e perceber o porquê.

Silva et al. (2016) defendem que “esta curiosidade é fomentada e alargada na educação Pré-Escolar através de oportunidades para aprofundar, relacionar e comunicar o que já conhece.” (p.85)

As crianças devem ser encorajadas também a construir as suas teorias e conhecimentos acerca do mundo que as rodeia, a área do Conhecimento do Mundo é utilizada para a sensibilização às diferentes temáticas que aqui são ensinadas, como por exemplo, as ciências naturais e sociais, o cuidado a ter com o seu corpo, a criação de hábitos de respeito pelo ambiente e pelo outro relacionando-se com a Formação Pessoal e Social (p. 85).

Silva et al. (2016), nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, afirmam que a exploração do meio próximo da criança tem para esta um sentido afetivo e relacional, que facilita a sua compreensão e apreensão e também proporciona a elaboração de quadros explicativos para compreender outras situações mais distantes.

Nesta atividade escolhi dar a conhecer ao grupo de crianças com quem estava qual era a importância da fruta e a razão pela qual a devemos comer depois das refeições.

Segundo Arenas (s.d.):

Por estratégias de ensino entende-se um conjunto de ações do professor orientadas para alcançar determinados objetivos de aprendizagem que se têm em vista. O termo “estratégia” implica um plano de ação para conduzir o ensino em direção a objetivos fixados, traduzindo-se tal plano num determinado modo de se servir de métodos e meios para atingir esses resultados (p.439).

Mas antes de realçar a importância da mesma, resolvi mostrar imagens impressas de árvores de fruto, para que as crianças pudessem ficar a saber de onde vêm as mesmas. De seguida, mostrei alguns exemplos de frutos e depois dei a provar a mesma fruta através da realização de uma salada de fruta que os meninos e meninas do grupo degustaram à hora do lanche no dia que a aula foi lecionada.

Enquanto algumas crianças iam provando as frutas ia questionando-as sobre o que estavam a sentir, ou seja, se estavam a gostar do sabor de cada uma delas, se eram doces ou ácidas e se já as conheciam.

Aquando da realização da salada de fruta, fui pedindo auxílio a várias crianças para me ajudarem a cortá-las.

Caso hoje repetisse esta atividade começaria por mostrar um vídeo e só depois as imagens pois para muitas crianças era a primeira vez que viam a fruta na árvore ou então devia começar por mostrar os frutos, ouvir as conceções prévias das crianças e só depois associava às imagens.

2.3.2. Planificação do Domínio da Matemática – 4 anos

No Quadro 3 está apresentada a planificação de uma atividade no Domínio da Matemática com o material matemático 3.º e 4.º Dons de Fröebel onde foi realizada uma construção e explorado o cálculo mental.

Quadro 3 - Planificação da atividade no Domínio da Matemática

Área de conteúdo: Domínio da Matemática			
Componentes	Tempo	Estratégias	Recursos
Números e operações: – Operações numéricas: adição e subtração	10h/10:30h	– Apresentar o material matemático que irá ser utilizado: 3.º/4.º dom de Fröebel já previamente distribuído; – Questionar as crianças sobre o material, como por exemplo: de que matéria é feita a caixa dos Dons; quais são os sólidos geométricos associados a cada caixa, entre outras; – Realizar a construção da mobília de quarto; – Colocar perguntas que irão promover o cálculo mental.	– Material matemático 3.º/4.º Dons de Fröebel.

Esta atividade foi realizada no dia 18 de maio de 2018 e foi efetuada com um grupo de crianças com 4 anos.

Segundo Silva (2013):

O brincar é fundamental para o desenvolvimento da criança, não só a nível físico como também cognitivo e social. Todas as crianças têm o direito a brincar, e os educadores têm que lhes dar oportunidades para a descoberta desse conhecimento, dando-lhes jogos/brinquedos (p.13).

A matemática pode estar diretamente relacionada com o jogo através do lúdico, ou seja, o lúdico e o jogo estão presentes nas atividades com os materiais estruturados. Por exemplo: os Calculadores Multibásicos; o Cuisenaire; os Dons de Fröebel; os Blocos Lógicos; as palhinhas, entre outros.

Ao brincar as crianças desenvolvem uma série de características fundamentais tais como, desenvolver a socialização, fazer amigos, aprendem também a conviver com os outros, a respeitar os direitos dos outros e as normas que são estabelecidas pelo grupo (Caldeira, 2009).

Para Silva et al (2016):

O desenvolvimento de noções matemáticas inicia-se muito precocemente e, na educação pré-escolar, é necessário dar continuidade a estas aprendizagens e apoiar a criança no seu desejo de aprender. Esse apoio deverá corresponder a uma diversidade cognitiva sólida da aprendizagem da matemática. Sabe-se que os conceitos matemáticos adquiridos nos primeiros anos vão influenciar positivamente as aprendizagens posteriores e que é nestas idades que a educação matemática pode ter o seu maior impacto. (p.74)

Por ter observado a educadora (relato 2) a trabalhar com estes materiais, decidi repetir o material mas agora era eu que lecionava.

Com o material matemático usado nesta aula (Dons de Fröebel) podemos realizar uma série de construções e jogos com o grupo de crianças. Para as ajudar a desenvolver o cálculo mental, observamos muitas vezes o recurso a outros materiais para complementar a aprendizagem.

Segundo Caldeira (2009):

O jogo, como atividade, é definida por Froebel como “o mais puro e espiritual produto desta fase do crescimento humano”. A conquista da habilidade e do conhecimento é para Froebel, um jogo. Através deste, a criança está em relação concreta com o mundo e realiza livremente algumas coligações com a natureza que exprimem a divina unidade do real (p.240).

Esta autora defende ainda que este material matemático manipulável, Dons de Fröebel, são bons veículos para o desenvolvimento total da criança, dando a possibilidade à criança de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias (p.241).

Este material em questão tem objetivos e também tem interesse pedagógico como, promover o cálculo mental, desenvolver a criatividade, podemos realizar situações problemáticas mais complexas e realizar diferentes construções.

Na aula em questão, realizei a construção da mobília do quarto, fui dando várias indicações das crianças para realização da mesma. Quando concluímos a construção, coloquei perguntas que promoveram o cálculo mental.

Nas Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar, a parte do Domínio da Matemática está organizada em quatro componentes e na aula que lecionei a componente desenvolvida foi a de números e operações.

De acordo com Silva et al. (2016):

As crianças discriminam quantidades deste muito cedo e parecem também ter um sentido aritmético que é evidente quando, por exemplo, têm a ideia de que, quando se junta mais um elemento, a quantidade resultante fica maior. Muitas vezes as crianças aprendem a recitar a sequência numérica, sem, no entanto, terem o sentido de número. É através de experiências diversificadas que as crianças vão desenvolvendo o sentido de número, que diz respeito à compreensão global e flexível dos números, das operações e das suas relações (p. 76).

Ainda nas orientações curriculares está explicado que à medida que as crianças vão desenvolvendo o sentido do número as suas experiências de contagens tornam-se cada vez mais intuitivas e passam a conseguir pensar em números sem terem que associar a objetos concretos (p.76).

Nesta componente as aprendizagens que são promovidas são a identificação de quantidades através de diferentes formas de representação, como contagens desenhos, símbolos, escrita de números e estimativas; e as crianças conseguem também resolver problemas do quotidiano que envolvam pequenas quantidades, com recurso à adição e subtração (p.77).

Antes da realização da construção pretendida, perguntei a algumas crianças de que era feito a caixa do material matemático que ia ser utilizado, onde é que o podíamos encontrar na natureza e também no espaço onde estava a lecionar a atividade.

Pedi para o grupo abrir a caixa e retirar os sólidos geométricos que o constituem, de seguida coloquei perguntas sobre os mesmos sólidos, ou seja, questionei quais eram e se existiam na sala materiais iguais aos cubos (3.º Dom de Fröebel) e aos paralelepípedos (4.º Dom de Fröebel).

Na aula em questão, antes da realização da construção da mobília do quarto, perguntei como era constituído o quarto de cada criança, ou seja, que mobílias tinham nos quartos. Responderam-me: a cama, mesas-de-cabeceira, armários e roupeiro. Sendo assim, dei-lhes a conhecer que íamos construir o quarto do menino da história que tinha contado previamente ao grupo.

Fui dando várias indicações às crianças para a realização da mesma e, quando concluímos a construção coloquei perguntas que promoveram o cálculo mental e também problemas não rotineiros através de exemplos que iam ao encontro dos interesses delas.

Para finalizar deixei-as construir livremente e dessa forma desenvolver a criatividade.

2.3.3. Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos

Esta atividade, quadro 4, foi realizada no dia 23 de abril de 2018 e foi praticada com um grupo de crianças com 5 anos (como foi descrito no relato número 3).

Quadro 4 - Planificação da atividade no Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita

Área de conteúdo: Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita			
Componentes	Tempo	Estratégias	Recursos
Identificação de convenções da Escrita: – Reconhecer letras; – Estabelecer relações entre a escrita e a mensagem oral.	9h30/10h30	– Sentar as crianças nos respetivos lugares; – Ler o livro “Quando crescer, quero ser...” – Explicar e colocar no quadro o jogo que se vai realizar, jogo da memória; – Distribuir uma pequena proposta de trabalho; – Levar um pequeno grupo de alunos à Cartilha Maternal.	– Livro da história “Quando crescer, quero ser...” de Maria Lúcia Carvalho; – Pequena proposta de trabalho.

No quadro 4 está apresentada a planificação de uma atividade no Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita com a leitura do livro *Quando crescer, quero ser...* de Maria Lúcia Carvalho, com a realização do jogo da memória. Neste jogo foram colocados no quadro, os cartões com imagens e outros com palavras. As crianças tinham que associar a palavra à imagem correspondente. Quando uma criança descobria, realizava algumas perguntas sobre as letras que faziam parte das palavras e recorria à Cartilha Maternal João de Deus para relembrar algumas regras que cada letra tem.

Para Silva et al (2016):

As competências vão-se estruturando em função dos contactos, interações e experiências vivenciadas nos diversos contextos da vida da criança. Estas competências são transversais e essenciais à construção do conhecimento nas diferentes áreas e domínios, já que são ferramentas essenciais para a troca, compreensão e apropriação da informação. Por outro lado, esta transversalidade leva também a que todas as áreas contribuam igualmente para a aquisição e o desenvolvimento da linguagem (p.60).

Este domínio está organizado em sete componentes: Linguagem oral, comunicação oral, consciência linguística, abordagem à escrita, funcionalidade da linguagem escrita e a sua utilização em contexto, identificação de convenções da escrita e, por fim, prazer e motivação para ler e escrever.

Nesta aula desenvolvi a linguagem oral “que tem uma importância fundamental na educação pré-escolar. Sabe-se que a linguagem oral é central na comunicação, com os outros, na aprendizagem e na exploração e desenvolvimento do pensamento, permitindo avanços cognitivos importantes” (p. 62).

Foi desenvolvido a comunicação oral que é criada pela educadora e estabelece-se uma relação entre educadora/criança em que ambas irão dominar a linguagem, a criança irá alargar o seu vocabulário, construir frases mais corretas e complexas, adquirindo um maior domínio da expressão e da comunicação que lhe permitem formar frases mais complexas.

O desenvolvimento da linguagem oral depende do interesse em comunicar, o que implica saber-se escutado e supõe também ter coisas interessantes para dizer (p.62).

Relativamente à leitura, utilizei a Cartilha Maternal para questionar as crianças sobre as regras que cada letra tem, realizei este ponto no jogo da memória e em seguida estive com um pequeno grupo junto da Cartilha Maternal de tamanho grande.

Segundo Silva (2003, citado por Xavier 2013, p. 148):

O Método de Leitura João de Deus aplica a utilização de mnemónicas na formação dos nomes das consoantes para facilitar a memorização e a aprendizagem da leitura. De facto: “Sem memória não há conhecimento, no entanto, em língua, a memorização não se vale a si própria, o que contribui para a proficiência linguística é a sua aplicação, a prática, o seu uso” Por isso, estimulamos as capacidades metacognitivas, no momento em que o aluno relaciona as palavras lidas com as suas vivências e contextualiza a palavra lida em frases. Na verdade, a palavra é compreendida e nunca decorada. (p.42)

A meu ver, a utilização da Cartilha Maternal para ensinar a ler, trás muitas vantagens, ou seja, a criança fica a perceber que cada letra tem valores e que se usam em várias situações reduzindo assim o número de erros ortográficos.

2.3.4. Planificação do Domínio da Educação Artística – 5 anos

No quadro 5 está apresentada uma planificação de uma atividade que foi realizada com um grupo de 5 anos no Domínio da Educação Artística.

Quadro 5 - Planificação da atividade no Domínio da Educação Artística

Componentes	Tempo	Estratégias	Recursos
Subdomínio das Artes Visuais: -Produção plástica.	14h-15h15 15h20-16h	– Realizar uma atividade plástica onde as crianças picotam uma ovelha, preenchem-na com algodão e em seguida colam-na numa folha e fazem o ambiente em redor desta.	– Imagens impressas da ovelha; - Pico e a esponja; – Algodão; – Cola;

Esta atividade surge no seguimento do que foi falado na Área do Conhecimento do Mundo, onde foram revistas todas as características dos mamíferos e foi realizado um pequeno jogo em que os meninos tinham que dizer qual dos animais era um mamífero. Este jogo consistia num PowerPoint com várias fotografias de animais que eram mamíferos e outros que não o eram.

Quando acabei esta revisão entreguei uma proposta de trabalho em que as crianças deviam picotar as ovelhas que estavam impressas, de seguida tinham que colá-la numa folha, preencha-la com algodão e realizar um desenho à sua volta.

2.3.5. Planificação de uma aula de Disciplina de Estudo do Meio – 1.º ano

No quadro 6 apresento uma planificação de uma aula na disciplina de Estudo do Meio a uma turma do 1.º ano.

Quadro 6 - Planificação de uma aula de Estudo do Meio – Estabelecer relações de parentesco

Conteúdos	Tempo	Estratégias	Recursos
Os membros da sua família: -Estabelecer relações de parentesco;	1:30 minutos	– Questionar os alunos sobre com quem moram; – Mostrar uma imagem de uma árvore genealógica; – Explicar a razão pela qual tem este nome; – Mostrar um exemplo de uma árvore genealógica de uma família; – Explicar o que são os graus de parentesco; – Colocar perguntas sobre os diferentes graus de parentesco que existe numa família; – Solicitar que os alunos façam a sua própria árvore genealógica distribuindo uma folha indicada para o mesmo;	– Projetor; – Computador; – Folha para os alunos realizarem a sua árvore genealógica; – Lenço.

Perante o tema que ia ser abordado nessa semana, relações de parentesco, resolvi trabalhá-lo na minha aula de dia inteiro.

Para trabalhá-lo da melhor maneira, recorri à memória dos alunos para a história que tinha sido lida da parte da manhã, *Por favor Leonor!* de Frieda Wishinsky e Marie-Louis Gay que fala da relação que existe entre dois irmãos.

Depois desta estratégia de apelar à memória dos alunos, perguntei a cada um deles com quem é que viviam e qual era a sua família mais próxima.

De seguida, mostrei uma fotografia da minha árvore genealógica, dizendo qual era o grau que cada um dos elementos estabelecia comigo. Expliquei também o porquê de se chamar árvore genealógica e a forma como estava organizada.

No momento seguinte, esclareci os alunos o porquê de se chamar graus de parentesco e esclareci possíveis dúvidas que foram surgindo ao longo do tempo da aula.

Os alunos ficaram um pouco confusos em relação a alguns graus de parentesco que existem em algumas famílias mas depois de uma explicação e recorrendo à família deles, ficaram a perceber um pouco melhor.

Num último momento pedi que cada um deles desenhasse numa folha, distribuída por mim, a sua família nos mesmos moldes que tinha sido apresentada anteriormente, ou seja, em modo de árvore.

Foi muito interessante ouvi-los falar sobre as suas famílias e dessa forma ficar a conhecê-los um pouco melhor. Reparei também que foi com orgulho que partilharam as suas histórias de família. Um outro aspeto positivo foi o de terem tido a oportunidade de desenvolverem a sua capacidade de comunicar oralmente e através das artes visuais.

2.3.6. Planificação de uma aula de Estudo do Meio – 2.º ano

No quadro 7 está apresentada uma planificação de uma aula experimental que realizei com uma turma do 2.º Ano, durante a minha aula e dia inteiro. O professor titular da turma deu-me a oportunidade de realizar uma experiência com a turma. Resolvi mostrar aos alunos a reação química que existe entre o bicarbonato de sódio e o vinagre. A turma estava organizada em quatro grupos.

Quadro 7 - Planificação de uma aula de uma Atividade Experimental – Reação química entre o bicarbonato de sódio com o vinagre

Conteúdos	Tempo	Estratégias	Recursos
Atividade experimental: - Reação química entre o bicarbonato de sódio com o vinagre.	1 hora	– Distribuir os protocolos experimentais; – Realizar a leitura do mesmo com os alunos; – Ler a lista dos materiais enquanto mostro aos alunos os mesmos; – Distribuir os materiais que vão ser necessários para a realização da mesma por cada grupo; – Realizar a experiência; – Fazer uma conclusão do que foi observado durante a realização de toda a atividade experimental.	– Protocolos experimentais; – Bicarbonato de sódio; – Vinagre; – Quatro garrafas de 0,5 litros; – Quatro balões; – Quatro funis; – Quatro elásticos; – Quatro chávenas de café; – Quatro colheres de chá.

Num primeiro momento, distribui os protocolos experimentais para a realização da mesma. O protocolo foi lido por alguns elementos da turma e quando chegou à parte dos materiais, enquanto uma aluna os lia, eu ia mostrando cada um deles.

Quando finalizámos a leitura dos materiais, com a ajuda de um aluno distribuímos por cada grupo os materiais para a realização da experiência.

Para uma melhor realização da mesma, ia lendo cada passo dos procedimentos e os grupos com a minha ajuda iam realizando cada etapa.

Numa primeira fase, os alunos tinham que encher um balão com bicarbonato de sódio. Na segunda fase, tinham que colocar o vinagre na garrafa de água com a ajuda de um funil e de uma chávena de café. Na terceira fase, colocaram o balão no gargalo da garrafa e um elástico no gargalo para o balão ficar bem preso. Na última fase, viraram o balão e puderam concluir que a reação entre estes dois elementos fez com que o balão se enchesse com a libertação do dióxido de carbono, gás que foi libertado (em poucas quantidades).

Para concluir a aula, acabámos o preenchimento do protocolo e perguntei a alguns alunos o que tínhamos feito ao longo da hora de aula e o que pudemos observar.

Segundo Sá (2002), as Ciências oferecem uma perspetiva de ensino mais aberta à diversidade de interesses e aptidões, compatível com o ideal de uma escola multicultural (p. 34).

Sá defende igualmente que (2002)

As ciências da natureza podem ser um contributo para se fazer da escola um lugar de prazer e satisfação pessoais, porque oferecem a possibilidade de as crianças realizarem importantes objectivos educativos fazendo coisas de que realmente gostam. É impossível descrever por palavras a vivacidade e envolvimento pessoal com que as crianças observam, descrevem e desenhavam (...) (p. 35)

Segundo a UNESCO, citado por Sá (2002),

A ciência na escola primária pode ser realmente divertida. As crianças em qualquer parte ficam intrigadas com problemas simples, quer eles sejam idealizados ou por eles realmente identificados no meio circundante. Se o ensino das Ciências incidir sobre tais problemas, explorando os caminhos que despertam o interesse das crianças nenhuma outra disciplina será mais apelativa e excitante para elas.(p.35)

Acrescento ainda que estava com algum receio de não conseguir dar a devida atenção a todos os grupos, em virtude de ser uma atividade experimental. No entanto, apenas posso acrescentar que foi uma boa estratégia e que gostei de promover o trabalho de grupo. De uma forma geral, a turma teve um excelente comportamento.

Os pequenos cientistas estavam bastante contentes e curiosos com o resultado da experiência e queriam aprender mais sobre outras hipóteses de misturar materiais.

2.3.7. Planificação da aula de Português – 3.º ano

No Quadro 8 está apresentada uma planificação de uma aula de Português lecionada a uma turma do 3.º ano no dia 29 de março de 2019.

Quadro 8 - Planificação de uma aula de Português – 3.º ano – Ímanes

Conteúdos	Tempo	Estratégias	Recursos
Oralidade: - Compreensão e expressão. Leitura e escrita: - Compreensão de texto. Gramática: - Morfologia e lexicologia.	30 minutos	– Ler o texto sobre os ímanes, já previamente distribuídos; – Dar um título ao texto; – Pedir aos alunos para realizarem o resumo do mesmo, oralmente; – Realizar perguntas de interpretação sobre o texto que foi lido; – Colocar perguntas de gramática sobre o que já foi aprendido;	– Proposta de trabalho de português;

Iniciei a aula com a leitura modelo de um pequeno texto em que apresentava factos sobre os ímanes, como foram descobertos e algumas curiosidades sobre eles.

De seguida, pedi a alguns alunos para realizarem a leitura do texto e questionei-os se tinham alguma pergunta ou se existiam palavras no texto que desconheciam, como existiram algumas solicitei a quem não as percebia para ir ao dicionários procurar o seu significado.

O texto que foi distribuído não estava completo, ou seja, não tinha título alguns alunos deram sugestões e, depois de uma pequena votação, foi escolhido o que melhor se adequava ao texto.

Realizámos, oralmente, um resumo do texto e os alunos disseram algumas possibilidades de razões do porquê de alguns factos que foram apresentados no texto. Depois desta pequena conversa, realizei, também oralmente, algumas perguntas de interpretação e de gramática sobre o que já tinham aprendido até à data.

Foi uma aula muito proveitosa e interessante. Mais uma vez consegui captar a atenção das crianças e promover a descoberta dos materiais.

2.3.8. Planificação de uma aula de Matemática – 4.º ano

De seguida apresentamos o quadro 9 que diz respeito a uma aula lecionada no 4ª Ano

Quadro 9 - Planificação de uma aula de Matemática – 4.º Ano – Construir e reconhecer propriedades de isometrias do plano: isometrias de translação

Conteúdos	Tempo	Estratégias	Recursos
Isometrias do plano: - Construir e reconhecer propriedades de isometrias do plano: isometrias de translação.	30 minutos	- Fazer uma pequena revisão sobre as isometrias já dadas; - Mostrar vários slides para fazer a revisão; - Introduzir o tema novo que irá ser dado: isometrias de translação; - Questionar os alunos sobre as conceções alternativas sobre o tema; - Realizar uma explicação sobre o mesmo tema com o auxílio de diapositivos; - Distribuir uma ficha sobre as isometrias de translação e um envelope com figuras geométricas; - Perguntar aos alunos qual foi a última imagem que foi usada para a realização da translação;	- Computador; - Projetor; - Powerpoint; - Proposta de trabalho; - Envelopes com figuras geométricas;

A aula foi iniciada com o recurso a diapositivos sobre os vários tipos de isometrias que os alunos estudam neste ano de escolaridade.

Com a ajuda desse recurso realizou-se a revisão das isometrias já aprendidas, isometrias de rotação e de simetria, questionando os alunos se se lembravam das suas definições e posteriormente mostrar exemplos. Depois da revisão, introduzi a matéria nova que ia ser aprendida. Sendo assim, as isometrias de translação foram explicadas. Depois da explicação, foram distribuídas as propostas de trabalho e envelopes com imagens. As propostas consistiam em ter várias imagens em que tinham que as colocar na posição correta.

Para concluir este capítulo posso referir que de uma forma geral as estratégias escolhidas em cada uma delas foram corretas e estavam adequadas aos grupos onde foram aplicadas. Uma das maiores dificuldades que senti foi a gestão do tempo por considerar que era muito importante ouvir todas as crianças/alunos que me questionavam ou mesmo ouvi-los falar de outros assuntos que se lembravam de partilhar.

3. Capítulo 3- Dispositivos de Avaliação

3.1. Descrição do capítulo

Neste terceiro capítulo são apresentados cinco dispositivos de avaliação. Um dispositivo apresentado a uma turma de 4 anos da Educação Pré-Escolar e os outros quatro são distribuídos pelos anos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ou seja, um dispositivo no 1.º ano, outro no 2.º, 3.º e, por fim, no 4.º ano de escolaridade.

Irei abordar a importância de avaliar e as principais características sobre a avaliação na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

3.2. Fundamentação teórica

A avaliação é uma peça fundamental na “modernidade escolar”. Um dos desafios maiores que existe no sistema educativo português e que se continua a ter de enfrentar é o de conseguir que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades e que tenham o acesso ao ensino (Fernandes, 2008).

Segundo Fernandes (2008),

Acontece que o nosso sistema de educação e de formação continua a ter dificuldades em concretizar práticas de ensino e de avaliação que contribuam para que as crianças e os jovens desenvolvam as competências indispensáveis para prosseguirem livremente as suas vidas escolares ou profissionais. (p.15)

A avaliação é uma disciplina complexa e que é influenciada pelos contributos teóricos da pedagogia, da didática e da psicologia tanto cognitiva como social mas também recebe influência da sociologia, da antropologia e da ética (Fernandes, 2008).

Para conseguirmos perceber as funções de avaliar temos que primeiro perceber as várias formas que cada autor vê este tema e o seu reforço pelos estudos empíricos que foram feitos sobre o que se sabe sobre avaliar com o paradigma atual que existe com este tema na educação (Matos, 2011).

De acordo com Valadares e Graça (1998, citados por Matos, 2011) a avaliação é “produzir actos educativos intencionais, consciente e deliberadamente, orientados por objetivos que se pretendem alcançar.”

Segundo Matos (2011):

(...) O sucesso do acto de educar depende da educação não intencional, com influências não planificadas, de factores imprevistos, sendo difícil garantir o sucesso educativo, por melhor que seja a escola. Dito de outra forma, a educação intencional é influenciada pela não intenção. (p. 31)

Para Leite e Fernandes (2002), o ato de educar vai obrigar a que haja uma mudança e para que tal aconteça é preciso saber a direção da mudança e saber “definir os caminhos para prosseguir na mudança”.(p.31) Para que seja organizada existem processos no ensino e na aprendizagem e temos que definir objetivos para conseguirmos alcançar os resultados que queremos. A existência de uma orientação no currículo com esta perspectiva presume o uso de objetivos específicos e comportamentais como na organização como na regulação dos processos de ensino e aprendizagem (Matos, 2011).

Do ponto de vista legal e das pessoas que são responsáveis pela educação a nível nacional existe sempre uma grande preocupação com a mudança que está concretizada no Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março. Esta refere num dos parágrafos:

A par do combate ao insucesso e abandono escolares, fenómenos que assumem no nível secundário elevada expressão no conjunto do sistema educativo, e da ação de superação das deficiências detetadas no campo do ensino das ciências e da matemática, constitui opção estratégica nacional promover o aumento da qualidade das aprendizagens, indispensável à melhoria dos níveis de desempenho e qualificação dos alunos e ao favorecimento da aprendizagem ao longo da vida. (p.32)

O currículo em educação Pré-Escolar é criado e desenvolvido pelo educador, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares. A organização do ambiente educativo, como suporte do trabalho curricular e da sua intencionalidade, compreende a organização do grupo, do espaço e do tempo, a relação com os pais e outros parceiros educativos, segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011.

Na avaliação na educação Pré-Escolar existe uma dimensão marcadamente formativa e desenvolve um processo contínuo e interpretativo que faz da criança o protagonista da aprendizagem, de modo a tomar consciência do que já conseguiu e daquilo que vai ser ultrapassado (Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011).

Já no 1.º Ciclo do Ensino Básico, a avaliação irá ter um ênfase nos seguintes pontos:

1 — A avaliação incide sobre as aprendizagens desenvolvidas pelos alunos, tendo por referência os documentos curriculares em vigor.

2 — As aprendizagens relacionadas com as componentes do currículo de carácter transversal, nomeadamente no âmbito da educação para a cidadania, da compreensão e expressão em língua portuguesa e da utilização das tecnologias de informação e comunicação, constituem objeto de avaliação nas diversas disciplinas, de acordo com os critérios definidos pelo conselho pedagógico.

3 — A avaliação tem uma vertente contínua e sistemática e fornece ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e aos restantes intervenientes informação sobre o desenvolvimento do trabalho, de modo a permitir a revisão e melhoria do processo de ensino e de aprendizagem (pp. 11440-11444).

O combate ao insucesso e abandono escolar, a superação das deficiências que foram detetadas e a promoção da qualidade das aprendizagens por parte dos alunos formam um conjunto de intenções que pretende que sejam impulsionadoras de uma mudança. Não deverá ser feita, também, para a aplicação de novos currículos mas também no que diz respeito “ao novo paradigma avaliativo, constante no já citado diploma legal” (Matos, 2011).

A mesma autora continua a analisar o diploma que regulamenta a avaliação do ensino secundário e no artigo n.º 4 (artigo acima descrito) está presente que a organização e a própria gestão do nível secundário da educação irá subordinar-se a alguns princípios orientadores:

- b) Flexibilidade na construção de percursos formativos;
- d) Integração do currículo e da avaliação, assegurando que esta constitua elemento regulador do ensino e da aprendizagem;
- e) Transversalidade da educação para a cidadania e da valorização da língua e da cultura portuguesas em todas as componentes curriculares;
- f) Valorização da aprendizagem das tecnologias da informação e comunicação;
- g) Favorecimento da integração das dimensões teórica e prática dos saberes, através da valorização das aprendizagens experimentais nas diferentes áreas e disciplinas e da criação de espaços curriculares de confluência e integração de saberes e competências adquiridos ao longo de cada curso;
- h) Enriquecimento das aprendizagens, através do alargamento da oferta de disciplinas, em função do projeto educativo da escola, e da possibilidade de os alunos diversificarem e alargarem a sua formação, no respeito pela autonomia da escola.

O que foi acima descrito são princípios que deveriam ser responsáveis pela mudança no que diz respeito à organização e à avaliação, relacionado com os termos chave que foram realçados, como flexibilidade, regulador, transversalidade, valorização das aprendizagens, integração das dimensões teórica e prática de saberes e por fim o enriquecimento das aprendizagens (Matos, 2011).

No Decreto-Lei o artigo 10.º refere também que a avaliação reside no processo que regula as aprendizagens, orienta o percurso escolar e ainda certifica-se que as diversas aquisições são feitas pelos alunos e ainda afirma que a avaliação tem o objetivo de aferir os conhecimentos, competências e as capacidades dos alunos e verifica o grau de cumprimento dos objetivos fixados para o nível secundário da educação integrando também os cursos e as disciplinas nele integrados.

Pacheco (1998, citado por Matos, 2011) “salienta a importância da construção do referente, isto é, dos critérios de avaliação tidos como quadros de referência do avaliador e orientadores da aprendizagem”.

Os Critérios de Avaliação da Escola (CRIA) aludem que “a avaliação no ensino secundário deve prosseguir as seguintes finalidades: estimular o sucesso educativo dos alunos; certificar os saberes adquiridos; promover a qualidade do sistema educativo”. (p.35) Sendo assim, a escola pode avaliar com vista nas funções de controlo, de verificação, de motivação para a aprendizagem, de indicador dos progressos, dos sucessos, dos insucessos e das dificuldades (Matos, 2011).

Estas funções são diferentes mas complementam a avaliação como está identificado no artigo 11.º:

2 – A avaliação formativa é contínua e sistemática e tem função diagnóstica, permitindo ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e a outras pessoas ou entidades legalmente autorizadas obter informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens, com vista ao ajustamento de processos e estratégias.

3 – A avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante, tem como objetos a classificação e a certificação (...)

A avaliação deve levar à tomada de decisões, à recolha de informação, não só nos testes, deve envolver vários intervenientes na avaliação (professores, pais, alunos e outros), a valorizar os contextos e a definir critérios para se proceder a uma apreciação valorativa. Deve ser encarada como uma avaliação do processo e não como havendo uma separação entre a avaliação formativa e sumativa (Matos, 2011).

Existem três paradigmas que vão influenciar o conceito da avaliação: o behaviorista, o psicométrico e o cognitivista segundo Valadares e Graça (1998, citado por Matos, 2011, p. 36) que dão ênfase ao produto da aprendizagem, à mediação e ao processo de aprendizagem.

Nos tempos que correm existe um conflito entre os defensores do paradigma psicométrico, em que a avaliação é defendida como sendo uma medição rigorosa dos conhecimentos e capacidades dos alunos e o paradigma cognitivista que pensa no processo de avaliação no contexto em que a aprendizagem tem lugar no conhecimento das tarefas de aprendizagem num processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor (Matos, 2011).

Das diversas leituras que realizei percebi que esta temática depende muito do autor que a defende e que a mesma não é nada fácil de aplicar. Cabe ao docente realizá-la de maneira consciente, rigorosa e justa. Para que tal aconteça deve definir os parâmetros e os critérios que quer avaliar.

Neste capítulo, recorri a uma escala adaptada de Likert.

0-4 – Mau

5-9 – Insuficiente

10- 13 – Suficiente

14- 17 – Bom

18-19 – Muito Bom

20- Excelente

3.3. Avaliação da atividade do Domínio de Matemática – 4 anos

3.3.1. Contextualização da atividade

O dispositivo de avaliação que vai ser apresentado foi aplicado a um grupo de 20 crianças de 4 anos numa atividade orientada por mim. (Anexo 1)

A atividade que realizei com o grupo centrava-se no domínio da Matemática em que cada criança tinha que pintar um número determinado de estrelas.

Com a realização desta tarefa queria observar se cada menino e menina conseguia associar o algarismo à quantidade de estrelas a serem pintadas e também pretendia observar a motricidade fina de cada um deles.

3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

O objetivo do parâmetro Reconhecimento da quantidade indicada na proposta de trabalho é verificar se cada criança consegue associar o algarismo no retângulo à esquerda à quantidade de estrelas que tem de pintar.

Os critérios definidos são:

- Identifica corretamente as 5 estrelas;
- Identifica corretamente 2 estrelas;
- Identifica corretamente 0 estrelas;
- Identifica corretamente 4 estrelas;
- Identifica corretamente 8 estrelas;
- Resposta incorreta.

No parâmetro da motricidade fina, as crianças tinham que pintar dentro dos contornos com o máximo cuidado e apenas o número exato de estrelas pedidas. Sendo assim os critérios de avaliação foram:

- Pinta as estrelas respeitando os contornos (16/19);
- Pinta as estrelas respeitando maioritariamente os contornos (12/19);
- Pinta as estrelas respeitando alguns dos contornos (8/19);
- Resposta incorreta.

Conforme se pode ver no quadro 10 as cotações atribuídas estão de acordo com os parâmetros e critérios escolhidos para este dispositivo.

Quadro 10 - Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de trabalho de Matemática – 4 anos

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
Reconhecimento da quantidade indicada na proposta de trabalho	Identifica corretamente as 5 estrelas	1,5	7,5
	Identifica corretamente as 2 estrelas	1,5	
	Identifica corretamente as 0 estrelas	1,5	
	Identifica corretamente as 4 estrelas	1,5	
	Identifica corretamente as 8 estrelas	1,5	
	Resposta incorreta	0	
Motricidade fina	Pinta as estrelas respeitando os contornos	1,2	2,5
	Pinta as estrelas respeitando maioritariamente os contornos	1	
	Pinta as estrelas respeitando alguns dos contornos	0,3	
	Resposta incorreta	0	
Total			10

3.3.3. Apresentação e análise dos resultados

Resultados da atividade do Domínio da Matemática

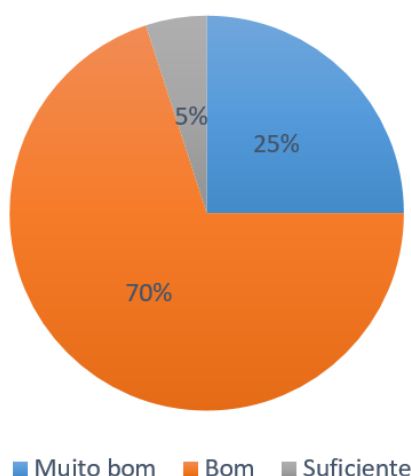


Figura 1 - Resultados da atividade do Domínio da Matemática

A figura 1 apresenta os resultados da avaliação da atividade do Domínio de Matemática das 20 crianças de 4 anos.

Numa primeira análise da figura 1 podemos concluir que os resultados variam entre o Suficiente e o Muito bom, sendo que a maioria das crianças, ou seja, 70 % (14 crianças) obtiveram o resultado de Bom. Cerca de 25 % do grupo atingiu o resultado de Muito bom e só 5 % é que ficou no patamar de Suficiente.

Pela observação da grelha de correção (anexo 2) chegamos à conclusão que a maior dificuldade do grupo de crianças está na pintura, ou seja, está no respeito dos traços.

Barreiros e Neto (2005) afirmam que o desenvolvimento motor é um conjunto de processos em constante mudança e que se prolonga ao longo da vida, no entanto é durante os primeiros 10 anos de vida que existem mais mudanças, sendo que de criança para criança os movimentos apresentam ritmos de desenvolvimento diferentes.

Segundo Matos & Serrazina (1996)

A educação matemática deve contribuir para uma cidadania responsável, ajudando os alunos a tornarem-se indivíduos não dominados mas, pelo contrário, independentes – no sentido de competentes, críticos, confiantes e criativos – nos aspetos essenciais em que a sua vida se relaciona com a Matemática (p.19)

Como se pode verificar a maioria das crianças atingiu os objetivos propostos.

3.4. Avaliação de uma proposta de trabalho da Disciplina de Português – 1.º Ano

3.4.1. Contextualização da atividade

O seguinte dispositivo de avaliação foi apresentado a uma turma de 1.º Ano constituída por 22 alunos numa atividade orientada por mim numa aula de dia inteiro.

A atividade que realizei com o grupo consistia em realizar um ditado de um pequeno texto que já tinham ouvido anteriormente. (Anexo 3)

Com a realização desta tarefa quis avaliar a quantidade de erros que cada aluno deu num conjunto pequeno de frases.

3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

No primeiro parâmetro - Número de erros - pretendo analisar o número de erros que cada aluno deu num pequeno excerto que já tinha sido lido e trabalhado na atividade que propus realizar na minha aula de dia inteiro.

Os critérios de avaliação definidos foram:

- Dá 1 erro;
- Dá 2 erros;

- Dá 3 erros;
- Dá 4 erros;
- Dá mais que 5 erros.

Quadro 11 - Cotação dos critérios de avaliação da proposta de trabalho de Português – 1.º ano

Parâmetro	Critérios de avaliação		Cotação
Número de erros que cada aluno deu no ditado	- Dá 1 <u>erro</u>	4,15	10
	- Dá 2 erros	2,5	
	- Dá 3 erros	2	
	- Dá 4 erros	1,25	
	- Dá 5 ou mais erros	0,1	

3.4.3. Apresentação e análise dos resultados

Resultados da atividade de Português

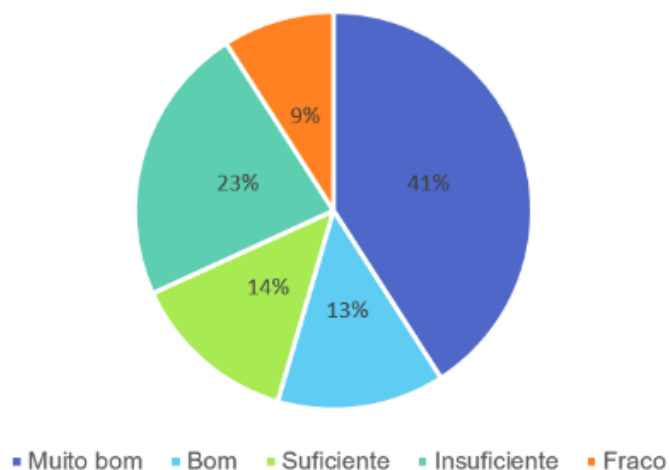


Figura 2 - Resultados da atividade da disciplina de Português

Após a análise da tabela (Anexo 4) e de acordo com a figura 2, podemos concluir que 41 % (9 alunos) da turma só deu 1 erro no ditado, 13 % (3 alunos) da turma deu 2 erros, 14 % (4 alunos) deu 3 erros, 23 % (alunos) deu 4 erros e apenas 9 % (1 aluno) da turma de 22 alunos deu mais que 5 erros.

Segundo Azevedo (2000),

O professor, ao adoptar a perspectiva de ensino anteriormente mencionada, irá, inevitavelmente, facilitar a implementação de estratégias pedagógicas que lhe possibilitarão focar-se nos processos mentais implicados tanto ou mais do que nos resultados. O mesmo autor afirma ainda que as informações sobre a qualidade e o tipo de erros permitem avaliar o progresso dos alunos e a mudança nessas variáveis, informa o professor sobre o processo em curso (p.71).

Concluo que parte dos alunos tem alguma facilidade na realização de exercícios ortográficos mas que os outros alunos devem praticar mais, sendo assim, o professor titular de turma deve realizar mais cópias e exercícios ortográficos para que este pequeno grupo não dê tantos erros.

3.5. Avaliação de uma proposta de trabalho da Disciplina de Matemática – 2.º Ano

3.5.1. Contextualização da atividade

O seguinte dispositivo de avaliação foi aplicado a uma turma do segundo ano, constituída por 25 alunos mas no dia em que realizei esta atividade apenas 16 alunos estavam presentes. O dispositivo apresenta perguntas de revisão sobre a leitura de números e também das quatro operações que os alunos já sabem realizar. (Anexo 5)

3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

No parâmetro - Reconhecer as diferentes ordens dos números- é pretendido que os alunos consigam realizar a leitura correta dos números apresentados, as ordens e as classes de uma forma correta.

Os critérios de avaliação definidos são:

- Identifica 6 ordens de cada algarismo;
- Identifica 5 ordens de cada algarismo;
- Identifica 4 ordens de cada algarismo;
- Identifica 3 ordens de cada algarismo;
- Identifica 2 ordens de cada algarismo;
- Identifica 1 ordem de cada algarismo;
- Resposta incorreta.

O segundo parâmetro - Conseguir agrupar o número por classes – tem os seguintes critérios de avaliação:

- Consegue identificar 2 classes;
- Consegue identificar 1 classe;
- Resposta incorreta.

O terceiro parâmetro avalia se os alunos conseguem realizar as quatro operações de uma forma correta.

Os critérios de avaliação são:

- Acerta 4 operações;
- Acerta 3 operações;
- Acerta 2 operações;
- Acerta 1 operação;

– Resposta incorreta.

Quadro 12 - Cotação dos critérios de avaliação da proposta de trabalho de Matemática – 2.º Ano

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
Reconhecer as diferentes ordens dos números	Identifica 6 ordens	0,45	2,7
	Identifica 5 ordens	0,45	
	Identifica 4 ordens	0,45	
	Identifica 3 ordens	0,45	
	Identifica 2 ordens	0,45	
	Identifica 1 ordem	0,45	
	Resposta incorreta	0	
Conseguir agrupar o número por classes	Identifica 2 classes	1,15	2,3
	Identifica 1 classe	1,15	
	Resposta incorreta	0	
Conseguir realizar as quatro operações	Acerta 4 operações	1,25	5
	Acerta 3 operações	1,25	
	Acerta 2 operações	1,25	
	Acerta 1 operação	1,25	
	Resposta incorreta	0	
Total			10

3.5.3. Apresentação e análise dos resultados

Na figura 3 apresento os resultados da avaliação da atividade da Disciplina de Matemática de 16 alunos de 7 anos.

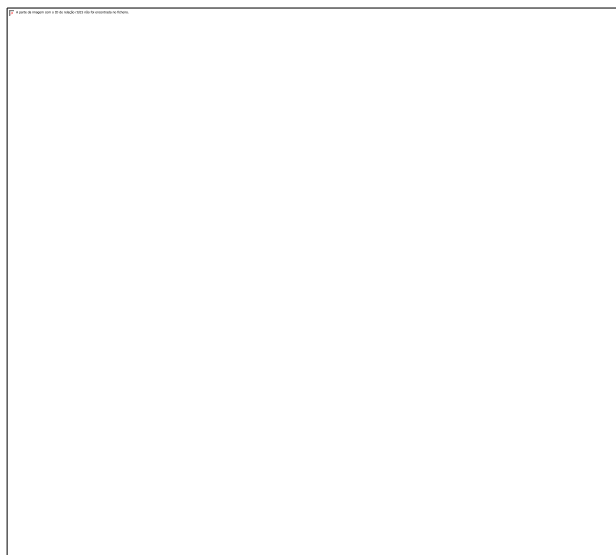


Figura 3 - Resultados da atividade da disciplina de Matemática

Podemos concluir pela observação da figura 3 e após a análise da grelha de correção (Anexo 6) que 56 % (14 alunos) da turma obteve um resultado de Muito Bom e que 44% (11 alunos) do total da turma obteve a classificação de Bom e nenhum aluno da turma tirou a nota de Suficiente.

Segundo Matos & Serrazina (1996)

A compreensão da organização do sistema indo-árabe de numeração, o sistema de valor de posição, incluindo a sua aplicação aos números inteiros e decimais e a compreensão dos números racionais, incluindo a sua representação e uma compreensão do sistema numérico ajudam o aluno a organizar mentalmente, a comparar e a ordenar números encontrados num ambiente matemático (p. 247).

Posso concluir que estes alunos não revelam ter dificuldades e que a proposta estava adequada à turma. Considero também que estão habituados a realizar este tipo de tarefa. Numa próxima oportunidade devo realizar para o mesmo conteúdo outro tipo de exercícios.

3.6. Avaliação de uma proposta de trabalho da realização de uma proposta de trabalho da Disciplina de Português – 3.º Ano

3.6.1. Contextualização da atividade

A seguinte atividade foi orientada por mim a uma turma do 3.º Ano constituída por 23 alunos e que todos a realizaram.

Quadro 13 - Critérios de avaliação atribuídos à proposta de atividade da Disciplina de

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
Sabe classificar uma palavra quanto ao número de sílabas e à acentuação	Sabe o que é um monossílabo	1,25	5
	Sabe o que é um trissílabo que seja classificado como esdrúxula	1,30	
	Sabe o que é um polissílabo	1,25	
	Sabe escolher uma palavra que seja grave	1,2	
	Resposta incorreta	0	
Reconhece as várias classes de palavras	Reconhece as 5 classes de palavras	5	5
	Reconhece 4 classes de palavras	4	
	Reconhece 3 classes de palavras	3	
	Reconhece 2 classes de palavras	2	
	Reconhece 1 classe de palavras	1	
	Resposta incorreta	0	
Total			10

Esta mesma atividade consistiu na apresentação de uma ficha da disciplina de Português onde eram colocadas várias questões relacionadas com gramática. (Anexo 7).

3.6.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

No parâmetro - Saber classificar as palavras quanto ao número de sílabas e acentuação - os alunos tem que saber escolher uma palavra que responda à orientação dada quanto ao número de sílabas e também quanto à acentuação.

Os critérios são os seguintes:

- Sabe escolher uma palavra que seja um monossílabo;
- Sabe escolher uma palavra que seja um trissílabo mas que também seja classificado como esdrúxula;
- Sabe escolher uma palavra que seja um polissílabo;
- Sabe escolher uma palavra que seja grave;
- Resposta incorreta.

No segundo parâmetro os alunos tem que saber reconhecer as classes de palavras que são pedidas no exercício e conseguir escrever uma frase.

Os critérios de avaliação são:

- Reconhece as 5 classes de palavras;
- Reconhece 4 classes de palavras;
- Reconhece 3 classes de palavras;
- Reconhece 2 classes de palavras;
- Reconhece 1 classe de palavra;

– Resposta incorreta.

3.6.3. Apresentação e análise dos resultados

Após análise da grelha de correção (Anexo 9) apresentamos os resultados da avaliação da atividade da disciplina de Português.

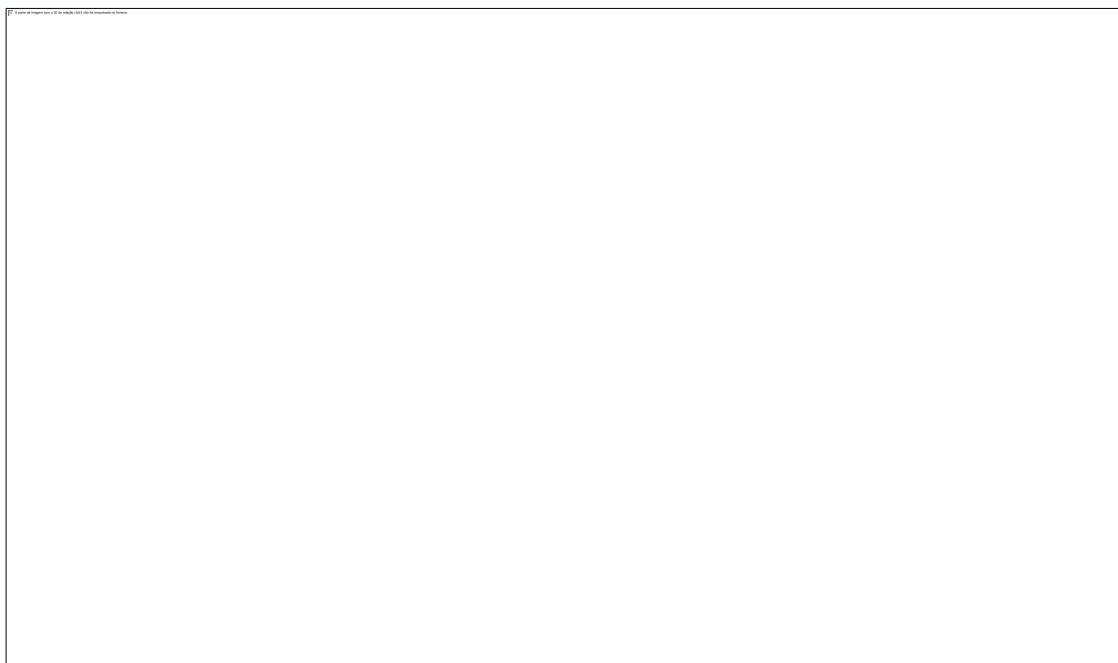


Figura 4 - Resultados da atividade da disciplina de Português

Na análise do gráfico (figura 4) podemos concluir que a maior parte da turma (69%, 16 alunos) teve uma classificação de Bom, apenas 9 % (2 alunos) da turma teve a classificação de Suficiente e o restante da turma (22%, 5 alunos) obteve a classificação de Muito Bom.

Segundo Pais e Monteiro (1996) o ato de “ensinar gramática nos primeiros anos de escolaridade implica, do ponto de vista técnico-didático, estabelecer um conjunto de relações entre as dimensões implícita e explícita de abordagem à da gramática” (p.59).

Podemos concluir que os professores titulares de turma devem continuar a dar ênfase à gramática porque é uma parte fundamental do currículo dos meninos.

3.7. Avaliação de uma ficha da Disciplina de Português – 4.º Ano

3.7.1. Contextualização da atividade

A seguinte atividade foi realizada por mim a uma turma do 4.º Ano mas só 17 dos 23 alunos é que a realizaram porque a restante turma estava a faltar.

A atividade que realizei com o grupo centrava-se na disciplina de Português em que cada aluno tinha que responder a perguntas centradas nos conhecimentos que tinham sido adquiridos ao longo do ano na parte da gramática. (Anexo 8)

Com a realização desta tarefa queria observar se cada menino conseguia responder às perguntas sem grande dificuldade e para ter a certeza que os vários conteúdos estavam bem apreendidos por cada um deles.

3.7.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

O dispositivo de avaliação é composto por 8 perguntas em que cada uma delas tem uma classificação própria e tem como objetivo avaliar diferentes competências.

O objetivo do primeiro parâmetro é se os alunos conseguem escrever uma frase com as funções sintáticas que estavam a ser apresentadas.

Os critérios definidos são:

- Escreve corretamente uma frase com as funções sintáticas de sujeito composto, predicado, complemento direto e indireto e modificador locativo.

- Resposta incorreta.

O segundo parâmetro avalia se os alunos conseguem escrever uma frase respeitando o tipo de frase que é apresentado.

- Escreve corretamente o tipo de frase pedida.

- Resposta incorreta.

O terceiro e, último parâmetro, avalia se a turma consegue identificar as preposições que estão presentes nas frases.

- Identifica as preposições nas frases.

- Identifica pelo menos uma preposição.

- Resposta incorreta.

No quadro 14 apresentamos os parâmetros e os critérios que foram estabelecidos.

Quadro 14 - Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de trabalho de Português
– 10 anos

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
Escreve corretamente uma frase com as funções sintáticas de sujeito composto, predicado, complemento direto e indireto e modificador locativo.	Identifica 1 função sintática;	1	5
	Identifica 2 funções sintáticas;	2	
	Identifica 3 funções sintáticas;	3	
	Identifica 4 funções sintáticas;	4	
	Identifica 5 funções sintáticas;	5	
	Resposta incorreta	0	
Escreve uma frase respeitando o tipo de frase que é apresentado	Escreve uma frase do tipo declarativo	0,5	2
	Escreve uma frase do tipo interrogativo	0,5	
	Escreve uma frase do tipo imperativo	1	
	Resposta incorreta	0	
Identifica a preposição presente em cada frase	Identifica 1 preposição (nas questões 3.1; 3.3 e 3.4)	0,6	3
	Identifica as 2 preposições	1,2	
	Resposta incorreta	0	
Total			10

3.7.3. Apresentação e análise dos resultados

A figura 5 apresenta os resultados da avaliação da atividade da disciplina de Português a 17 alunos de 10 anos após a análise da grelha de correção (Anexo 9).

Numa primeira análise do gráfico (fig.5) podemos concluir que os resultados variam entre o Suficiente e o Muito bom, sendo que a maioria das crianças, ou seja, 71 % (12 alunos) obtiveram o resultado de Bom. Cerca de 23 % (4 alunos) do grupo atingiu o resultado de Suficiente e só 6 % (1 aluno) é que ficou no patamar do Muito bom.

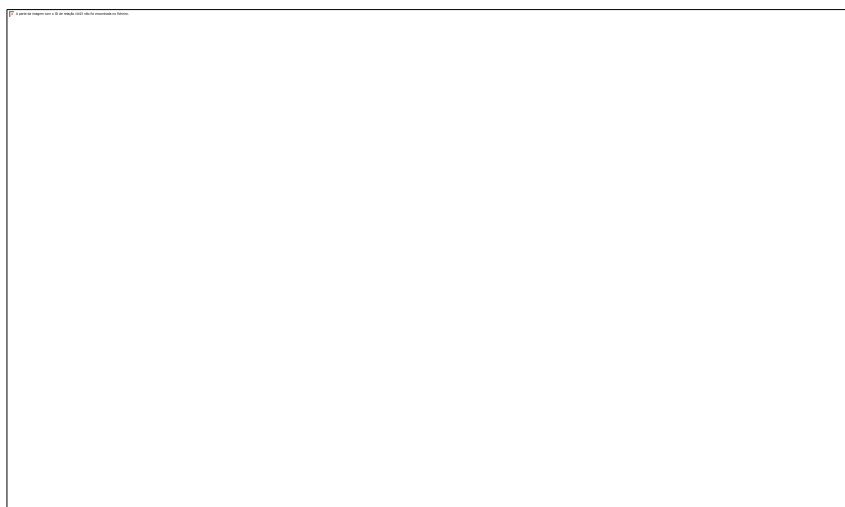


Figura 5 - Resultados da atividade da disciplina de Português

Com uma observação em pormenor da grelha de avaliação (Anexo 9) podemos concluir que os alunos tiveram mais dificuldade na realização da pergunta número 3.

Com a realização destes dispositivos de avaliação conclui-se que a sua elaboração exigiu muita ponderação para que os conteúdos e aquilo que era questionado fosse adequado a cada grupo/ turma, devemos estar sempre atentos, diversificar formas de avaliar, respeitar o ritmo de cada criança, ser-se flexível nas avaliações e acima de tudo ser-se justo. E certificarmo-nos que os meninos gostam e se divertem na realização dos mesmos.

4. Capítulo 4 – Projeto final “25 de abril visto pelas crianças...”

4.1. Introdução do trabalho de projeto

Para a elaboração deste projeto centrei-me num marco bastante importante da história do nosso país.

Decidi trabalhar sobre a revolução que se deu a 25 de abril de 1974, quis focar-me neste tema porque queria trabalhá-lo de uma forma diferente daquela a que os alunos estão habituados.

Este projeto tem como objetivo juntar as duas turmas do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico porque é um conteúdo que se dá na disciplina de Estudo do Meio.

Em vez de serem as professoras titulares da turma a explorar toda a teoria que vêm nos livros, este projeto tem linhas orientadoras diferentes daquelas que são dadas no dia-a-dia dos alunos que em seguida vão ser melhor esclarecidas.

As professoras iriam juntar as duas turmas para explicar o objetivo deste projeto e em seguida iam pedir-lhes que pesquisassem aspetos negativos relevantes da vida dos portugueses que levaram à revolução.

A História é entendida por Félix e Roldão (1996) como um campo privilegiado onde se debatem questões da atualidade, numa dinâmica permanente, em que o diálogo entre passado/presente, local/nacional, nacional/universal é condição para a perspetivação da realidade.

Posteriormente, as organizadoras deste projeto iam falar com várias entidades importantes para a época, como por exemplo, atores, familiares que tenham vivido nesta altura, iam falar também com Capitães de Abril (que ainda estejam vivos), iam falar também com pessoas que tenham ido à guerra colonial e falar com mulheres e num momento posterior, em conversa com os alunos, as professoras iam ficar a perceber o que é que cada um deles pensa sobre o tema e também pedir uma pequena dramatização de tudo o que foi acontecendo ao longo dos dias da revolução.

Estas conversas que se iam desenrolar em forma de entrevistas em que os alunos pensavam nas perguntas que queriam fazer, sempre em relação ao tema.

Relativamente às conversas que iam ser tidas com mulheres que possam ser entrevistadas, o grande objetivo destas conversas é consciencializar os alunos que nem sempre estas tiveram os mesmos direitos que os homens e também do papel que tinham na altura e que têm nos dias de hoje.

É importante que os alunos de uma geração mais nova percebam que nem todas as pessoas tiveram os mesmos direitos e que a vida social, política e económica já foi bastante diferente da vida de hoje.

Sendo assim, é fundamental que sejam os alunos a preparar todo o material para a elaboração deste projeto para que tenham um papel essencial e ativo, que sejam eles a prepararem a exposição com os produtos finais deste mesmo projeto para dar a conhecer a toda a comunidade escolar.

4.2. Fundamentação teórica do trabalho de projeto

O tema escolhido para a elaboração deste projeto centra-se maioritariamente numa das grandes revoluções (que se considerou como sendo uma das mais pacíficas) que ocorreram em Portugal, nomeadamente, o 25 de abril de 1974.

Antes de falar nas mudanças que houve com esta revolução no nosso país, irei falar sobre o que é um projeto, irei falar também sobre o que é um trabalho de projeto e por fim falar da sua importância.

A palavra projeto é usada hoje em dia para definirmos algumas noções variadas. Por exemplo, a existem planos, simulações, antecipações antes de começarmos a elaborar a parte escrita de um projeto.

Segundo Many e Guimarães (2006) “para definirmos o projeto, poderíamos dizer que parte de uma ideia, de um sonho, de uma vontade, cuja realização será planificada.”

Nos tempos recentes, os projetos incluem das mais variadas áreas de conteúdos como a área económica, a área política, a área social e por fim a área cultural, mas a noção de projeto sofreu uma banalização do que é na realidade um projeto. De acordo com Many & Guimarães (2006) isto deve-se ao facto de ter havido um grande desenvolvimento social, económico e tecnológico.

Para os mesmos autores (2006),

Na sua etimologia, o projeto contém a noção de futuro (pro latino *para a frente*, no espaço, ou no tempo) mas também da ação e intervenção. Esta dimensão dá ao projeto, frequentemente, um cariz de prazer, porque permite sermos nós próprios os construtores das nossas vidas, os organizadores do nosso porvir. (p.10-11)

Quando estamos a idealizar o nosso projeto já estamos a imaginar, a planificar e a pensar como irá ser no futuro o resultado final do mesmo.

Pode-se considerar que a realização de um projeto é um processo complexo e completo, desde a ideia que se tem ao início sobre o mesmo até à sua fase final que se vai construindo um percurso envolvendo muitos recursos e interações e um conjunto de mudanças e alterações.

Mas num contexto escolar, Many e Guimarães (2006) afirmam que,

As características de complexidade e de interação têm-se revelado muito vantajosas, permitindo ao aluno, durante o Trabalho de Projeto, ter acesso a uma grande variedade de experiências e saberes. Num projeto surgem sucessivamente novas soluções que levantam, por sua vez, novas questões (p.11)

Relativamente ao trabalho de projeto este permite já ter uma aquisição de saberes e irá responder a certas regras que iram definir o projeto.

O grande objetivo do Trabalho de projeto, segundo Many e Guimarães (2006) é “a aquisição de saberes através de uma pesquisa orientada.”

Ainda de acordo com os mesmos autores, “a metodologia de trabalho de projeto pode ser desenvolvida em diversos contextos. No meio escolar tem vindo a generalizar-se, apesar da sua vertente subversiva” (p. 12).

As suas características estão em desacordo com uma “linha escolar tradicional” porque este tipo de Trabalho de Projeto defende um papel ativo dos alunos.

Realizar um Trabalho de Projeto promove a interdisciplinaridade com as outras áreas do saber, no caso do 1.º Ciclo, a disciplina de Português, Matemática, da Informática (caso haja nas escolas em que este trabalho irá ser proposto) mas também se integra na disciplina de Estudo do Meio (que envolve a disciplina de História).

Segundo Many e Guimarães (2006),

Esta multi-aquisição de saberes e de práticas tem vindo a ser cada vez mais sublinhada como uma vantagem numa sociedade moderna, onde a qualidade e quantidade de informação, assim como os públicos escolares (alunos e professores), têm evoluído de forma radical (p.12)

A metodologia que é usada no Trabalho de Projeto é seguida por uma estrutura que segue um conjunto de fases, como, o pré-projecto, a identificação da temática, a escolha de um tema, a formação de pequenos grupos de trabalho (caso o projeto seja feito em grupos), a planificação, o trabalho de campo e de sala de aula, recolha e o tratamento dos dados, a elaboração de um documento síntese, preparação da apresentação, a exibição do mesmo, a avaliação final e as considerações finais.

Segundo o dicionário de Língua Portuguesa, Liberdade é definida como uma condição do ser que pode agir consoante as leis da natureza. Dentro dos limites da lei, o cidadão tem de agir sem coerção ou impedimento, tem livre arbítrio, estado de quem não está preso, detido ou em cativeiro.

Liberdade era uma condição que os portugueses não tinham antes do 25 de abril.

Na sequência do golpe militar de 28 de maio de 1926, foi instaurada em Portugal uma ditadura militar que culminaria na eleição presidencial de Óscar Carmona em 1928.

Foi durante o mandato de Carmona que foi elaborada a Constituição de 1933 e instituído um novo regime autoritário de inspiração fascista - "o Estado Novo".

Segundo Marques (1998), "O chamado Estado Novo, assim como a União Nacional, foram igualmente definidos durante 1930 e 1931. A política da Ditadura em relação à África Portuguesa teve, também, a sua expressão escrita pela mesma época." (p.385)

António de Oliveira Salazar passou então a controlar o país através do partido único designado por "União Nacional", ficando no poder até lhe ter sido retirado por incapacidade em 1968.

As instituições que foram criadas pelo Estado foram mecanismos repressivos estabelecidos para que os portugueses andassem sob o controlo de entidades superiores. Foram criados então a censura, políticas de repressão entre outros.

Segundo Marques (1998),

A censura à imprensa foi instituída em 24 de junho de 1926 e mantida desde então. Aos poucos foi-se estendendo aos outros meios de comunicação, tais como o teatro, o cinema, a rádio, e a televisão. Em todos os casos, nenhuma palavra ou imagem podia ser publicada, pronunciada ou difundida sem prévia aprovação dos censores. De todos os mecanismos repressivos, a censura foi sem dúvida o mais eficiente, aquele que conseguiu manter o regime sem alterações estruturais durante quatro décadas.

Com a existência da censura o governo tinha um maior controlo sobre aquilo que era lido e escrito pelo resto da população.

Uma das consequências de um sistema de censura que durou tantas décadas foram: disciplinares no que tocava aos autores, jornalistas, empresários e todos aqueles que estavam relacionados com os meios de transmissão de informação à população, obrigando assim a uma autocensura permanente a fim de evitarem que a sua produção fosse constantemente dificultada.

Relativamente ao ensino os alunos eram obrigados a usar farda, os professores aplicavam castigos corporais, os manuais escolares eram passados de ano para ano, e as disciplinas que lecionavam na altura eram: Matemática, Português, Geografia, Ciências e Religião e Moral.

Tinham que rezar obrigatoriamente todos os dias, os alunos tinham que saber a tabuada de cor, o nome de todos os rios, das serras e caminhos-de-ferro de Portugal e o nome de todas as colónias portuguesas. E estudavam era até ao 4.º ano.

Mas para além do ensino, as crianças eram diferenciadas, ou seja, os rapazes e as raparigas tinham papéis diferentes na sociedade portuguesa.

As raparigas não iam à escola, a maior parte delas tinha que aprender a ser boas donas de casa e o horário da escola era só feita da parte da manhã.

Já os rapazes, podiam ir à escola só da parte da tarde, quando saíam, iam ajudar os pais no campo e maioritariamente eram eles que tinham os níveis de ensino mais avançados, ou seja, podiam avançar mais nos estudos.

Mas existiam, também, regras para ambos, a primeira coisa que faziam quando entravam na sala de aula era cantar o hino nacional, usavam bata com o número de identificação e as salas de aula tinham que ter obrigatoriamente, uma fotografia de Salazar, uma fotografia de Carmona e um crucifixo.

Segundo Ramos (2009),

Em 1974, o país mudou muito. O golpe de 25 de abril de 1974 foi planeado como uma pura operação militar, sem ramificações civis ou diplomáticas, pelo major Otelo Saraiva de Carvalho, professor de Tática de Artilharia na Academia Militar, e que no movimento dos capitães era um dos elementos de ligação com Spínola.

Nas vésperas da revolução, passaram duas canções na rádio – *Grândola, Vila Morena* de José Afonso e *Depois do adeus* de Paulo de Carvalho, que serviram de sinal para a saída das tropas. Até às quatro da manhã tomaram a maior parte dos locais pretendidos.

O primeiro comunicado do MFA (Movimento das Forças Armadas), emitido pelo Rádio Clube Português às 4h26, pedia à população que ficassem em casa.

Só às 7h30 outro comunicado foi emitido pela rádio que aludiu à “Libertação do país do regime que há longo tempo o domina”.

O posto de comando deste movimento, estava instalado no Quartel de Engenharia n.1, que se localiza na Pontinha, e tinham uma vantagem, um sistema de escutas que lhes permitiu seguir as comunicações do lado do governo.

Resumidamente, no dia 24 de abril de 1974, um grupo de militares comandados por Otelo Saraiva de Carvalho instala-se secretamente no posto de comando do quartel da Pontinha, em Lisboa.

Às 22h55m é transmitida a canção *E depois do Adeus*, de Paulo de Carvalho, este foi um dos sinais previamente combinados pelos golpistas, que desencadeou a tomada de posições da primeira fase do golpe de estado.

O segundo sinal é dado quando a canção *Grândola, Vila Morena* de “Zeca” Afonso é transmitida pelo programa *Limite*, que confirma o golpe e marca o início das operações.

O locutor de serviço nessa emissão é Leite de Vasconcelos, jornalista e poeta moçambicano. Ao contrário de *E Depois do Adeus*, que era muito popular por ter vencido o Festival da Canção, transmitido pela RTP, *Grândola, Vila Morena* fora considerada ilegal, pois, segundo o governo, fazia alusão ao comunismo.

O golpe militar do dia 25 de abril teve a colaboração de vários regimentos militares que desenvolveram uma ação concertada. No Norte, uma força liderada pelo Tenente – Coronel Carlos de Azeredo toma o Quartel-General da Região Militar do Porto.

Estas forças são reforçadas por outras vindas de Lamego. Forças de Viana do Castelo tomam o Aeroporto de Pedras Rubras.

Forças tomaram a RTP e o RCP no Porto. O regime reage e o ministro da Defesa ordena a forças sediadas em Braga para avançarem sobre o Porto, tais ordens que não foram obedecidas, dado que estas já tinham aderido ao golpe.

À Escola Prática de Cavalaria, que parte de Santarém, cabe o papel mais importante: a ocupação do Terreiro do Paço.

As forças da Escola Prática de Cavalaria são comandadas pelo então Capitão Salgueiro Maia. O Terreiro do Paço é ocupado às primeiras horas da manhã.

Salgueiro Maia move, mais tarde, parte das suas forças para o Quartel do Carmo onde se encontra o chefe do governo, Marcelo Caetano, que ao final do dia se rende, exigindo, contudo, que o poder seja entregue ao General António de Spínola, que não fazia parte do MFA, para que o "poder não caísse na rua".

Marcelo Caetano parte, depois, para a Madeira, rumo ao exílio no Brasil.

No rescaldo dos confrontos morrem quatro pessoas, quando elementos da polícia política (PIDE/DGS) disparam sobre um grupo que se manifestava à porta das suas instalações na Rua António Maria Cardoso, em Lisboa.

A nomeação de Marcelo Caetano foi recebida pelo povo português com um misto de esperança, de ceticismo e de medo. Porque muitos esperavam que houvesse uma mudança radical na política vigente, o fim do Estado Novo.

Este golpe militar foi bastante importante para a existência de uma reviravolta política no país.

Deixou de existir medo junto da população porque a censura tinha acabado, juntamente com todas as forças políticas que apoiavam a ditadura, já podiam dizer o que pensavam, e juntar um grupo de pessoas sem terem o medo de serem acusados de conspiração contra Salazar e contra o governo.

A madrugada de novo dia. Do novo dia sem acabar

Fernando Pessoa, in *Mensagem*.

4.3. Desenvolvimento do projeto:

4.3.1. Problema

Como despertar o interesse dos alunos para se informarem mais sobre o que aconteceu a 25 de abril de 1974?

Problemas parcelares:

Descrever o ambiente socioeconómico do país antes do 25 de abril;

Descrever o ambiente sociopolítico do país antes do 25 de abril;

Relatar o papel da mulher antes da revolução.

4.3.2. Destinatários

Este trabalho de projeto tem como destinatários os alunos do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico e também inclui a participação dos professores, dos familiares e de outras pessoas/identidades que possam ter e dar uma boa participação neste projeto.

É essencial também que exista uma boa participação da família para execução deste projeto. Será através do papel da escola para envolver a família que tem se envolver de uma forma ativa, para ajudar aos alunos na elaboração do mesmo e para haver também uma boa relação família-escola.

O grande objetivo da elaboração deste projeto é dar a conhecer aos alunos e a toda a escola como é que os portugueses viviam no regime político vigente em Portugal antes da revolução e as modificações que existiram. Este trabalho também iria ser dado a conhecer a toda a escola através de exposições de factos importantes para sensibilizar toda a comunidade educativa.

Na sequência desta sensibilização na escola onde este projeto vai ser aplicado é fundamental contactar outras pessoas que tiveram um papel fundamental para a mudança que houve em Portugal.

4.3.3. Entidades envolvidas

Como já foi referido para que o projeto tenha uma maior taxa de sucesso é fundamental envolver a família e também outras entidades.

Estas outras entidades são pessoas (podem ser familiares dos alunos) que tenham vivido antes do 25 de abril e também pessoas que tenham participado na guerra colonial e aos capitães de abril que planearam e executaram a revolução.

4.3.4. Motivação e negociação

Pretende-se, com a elaboração deste projeto, para além de sensibilizar sobre o tema, e desenvolver outras competências importantes para uma boa preparação do mesmo.

Para a motivação e negociação deste projeto é muito importante a motivação da professora da turma (que irá desenvolvê-lo) e dos seus alunos para a elaboração do mesmo tendo assim que haver pequenas conversas de preparação e sensibilização entre ambos.

4.3.5. Objetivos:

Objetivos gerais:

Saber o que representa o 25 de abril;

Saber as modificações na vida social, política e económica em Portugal.

Objetivos específicos:

Saber comparar a vida dos portugueses antes e depois do 25 de abril de 1974;

Ficar a conhecer o papel que a mulher tinha antes da revolução;

Comparar a política vigente em Portugal antes e depois do 25 de abril;

Promover uma pesquisa de jornais da época e comparar com os jornais de hoje em dia.

4.3.6. Planeamento

1.º Fase- Abordagem e sensibilização ao tema

Na primeira fase deste projeto, a professora titular da turma deve falar com os alunos e com a outra professora do 4.º ano para que este projeto seja elaborado pelas duas turmas.

Em seguida, deve-se explicar toda a dinâmica do projeto, de como se irá desenvolver e também ter uma pequena conversa com os pais sobre o mesmo.

2.º Fase- Trabalho de campo

Na segunda fase deste projeto, existe o objetivo de apresentar e desenvolver as propostas de atividade do mesmo.

Esta fase promove a interdisciplinaridade com as outras disciplinas que existem no currículo dos alunos do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Com a elaboração deste projeto iremos trabalhar as disciplinas de Português e de Matemática.

A disciplina de Português irá relacionar-se com este conteúdo da disciplina de Estudo do Meio pelo facto de os alunos terem que trabalhar os textos que irão ler nos livros que tenham este conteúdo, ou seja, irão fazer a sua interpretação.

Vão também elaborar as perguntas que vão ser lidas durante as entrevistas que realizarão a atores que tenham trabalhado no meio antes do 25 de abril, vão também entrevistar pessoas da sua família nomeadamente avós ou outros familiares que tenham vivido antes e depois da época para que os alunos consigam fazer uma comparação dos tempos.

Após a leitura dos textos irão reunir numa folha os aspetos mais importantes para a realização dos murais, das exposições.

Têm que pesquisar, recorrendo a suportes digitais, em jornais que foram publicados no dia a seguir à revolução para conseguirem realizar a tal exposição e também irão comparar as notícias dos jornais antes da revolução com os que foram editados nos nossos dias. Isto quer dizer que os alunos têm que pesquisar, sempre com a ajuda das professoras, jornais que foram “vítimas” da tão conhecida censura para conseguirem estabelecer as diferenças com as notícias que saem nos tempos mais modernos nos jornais.

Relativamente à disciplina de Estudo do Meio, o objetivo principal nesta disciplina é que os alunos identifiquem o que foi o 25 de abril de 1974. Saberem também a razão pela qual se deu esta revolução, reconhecerem a sua importância, conhecerem quem foram as figuras mediáticas desta revolução.

Reconhecerem os aspetos da vida quotidiana (tanto nos aspetos sociais, políticos e económicos) do tempo anterior e posterior ao 25 de abril.

E por fim, saberem qual o papel das mulheres nessa época, ou seja, saberem como era a vida delas antes de ter havido a revolução e quais foram as principais diferenças na vida das mulheres quando houve esta revolução.

Relacionando a elaboração deste projeto com a disciplina de Matemática, aqui os alunos com os resultados das pessoas entrevistadas teriam que fazer um quadro de tratamento de dados onde iriam colocar o número total de pessoas que entrevistaram, as idades, o género de quem tinham entrevistado.

Iriam elaborar também gráficos de barras, pictogramas e calcularem o número total de pessoas que estava na organização do projeto e também das pessoas que participaram para o sucesso do mesmo.

3.º Fase- Divulgação dos conhecimentos obtidos no projeto

A última fase da elaboração deste projeto passaria por englobar todas as atividades que foram feitas e também elaborarem a apresentação dessas mesmas atividades a toda a comunidade escolar, aos familiares e também todos os outros intervenientes que tiveram influência para a elaboração deste mesmo projeto.

Deste modo, todo o trabalho realizado pelos alunos iria ser exposto em pequenas exposições, realizar cartazes com as diferenças dos jornais, irem também às outras

turmas do 1.º Ciclo, visualização das entrevistas realizadas pelos alunos e por fim uma elaboração de um jornal do 4.º ano com toda a explicação do projeto.

4.3.7. Recursos

Recursos materiais

Jornais dos tempos recentes;
Jornais que tenham sido publicados antes da revolução;
Jornais que tenham saído depois da revolução;
Livros históricos sobre o tema do projeto;
Perguntas para a realização das entrevistas.

Recursos humanos

Corpo docente;
Comunidade escolar (pais e familiares);
Diretor da escola;
Atores que tenham trabalhado antes e depois do 25 de abril;
Capitães de abril;
Ex combatentes da Guerra Colonial;
Mulheres que tenham vivido na época.

4.3.8. Produtos finais

Para apresentar os resultados finais deste projeto, irá ser exposto na escola todos os trabalhos que foram elaborados pelos alunos.

Irá ser também elaborado vários placardes com os vários títulos de jornais que foram postos à venda no dia seguinte da revolução.

O resultado das entrevistas poderá ser exposto também e ainda serem projetados os vídeos das entrevistas feitas pelos alunos às várias pessoas.

4.3.9. Avaliação

A avaliação deste projeto irá ser feita pelas professoras titulares das turmas.

Estas vão preencher um quadro em que vai registar o interesse dos alunos face ao projeto, às metodologias aplicadas e também a atitude que tiveram com o contacto com pessoas mais velhas, ou seja, vai avaliar a atitude dos alunos durante as entrevistas.

Em cada turma, a professora da preencherá o quadro 10 para a elaboração de uma boa avaliação dos alunos.

Os alunos também irão preencher um questionário para realizarem a avaliação do projeto (Questionário colocado nos anexos, (anexo 10)

4.3.10. Calendarização

No quadro 15 apresento a calendarização do projeto.

Quadro 15 - Calendarização do projeto

	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.
Motivação/ Negociação										
Aquisição de material escrito										
1.º fase										
2.ª fase										
3.ª fase										
Avaliação do processo										
Avaliação										

4.4. Considerações finais do trabalho de projeto

Ao elaborar este projeto um dos principais objetivos é motivar os alunos para a participação e elaboração do mesmo.

Outro grande objetivo é motivar os alunos para saberem mais sobre o passado histórico do nosso país e terem a consciência de que a liberdade é um direito/dever que nem sempre houve.

Este projeto será implementado na escola para consciencializar toda a comunidade educativa.

Segundo Afonso (2007),

A área de projeto tem como objetivo central de envolver os alunos na concepção, realização e avaliação de projectos, permitindo-lhes articular saberes de diversas áreas curriculares em torno de problemas e temas de pesquisa ou de intervenção.

O papel do professor consiste em ajudar os alunos a converter os seus interesses e desejos em projectos no sentido da acção refletida e planeada. Deste modo, ao apresentar sugestões e propostas de trabalho, o professor não está necessariamente a restringir a liberdade dos alunos, pelo contrário, pode ajudá-los a exercê-la. Aliás, as ideias do professor sobre actividades a realizar têm alguma origem e não se vê por que razão sugestões vindas do professor não seriam no mínimo tão válidas como quaisquer outras.

Concluindo, este projeto visa alertar os alunos para as mudanças que existiram ao longo dos anos e que possam conviver e aprender através de pessoas mais velhas a sabedoria que muitas (arriscando dizer, a maioria das vezes) não vem nos livros e nos manuais escolares.

5. Reflexão – Considerações finais

A realização deste relatório de estágio foi fundamental para o futuro enquanto educadora e professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico pois foi através dele que tive a certeza do meu futuro profissional.

Foi importante porque tive a oportunidade de interagir com crianças de várias escolas e de diferentes faixas etárias. Uma mais-valia que a Escola Superior de Educação João de Deus oferece aos seus alunos prende-se pelo facto de o estágio profissional decorrer ao mesmo tempo das unidades curriculares, ou seja, tudo aquilo que formos aprendendo na teoria nessa mesma semana conseguimos, a maior parte das vezes, por em prática com o grupo (caso seja na Pré-Escolar) ou turma (caso seja no 1.º Ciclo do Ensino Básico). Caldeira, Pereira & Silveira-Botelho (2017) referem que

a formação inicial de educadores e professores: tem como objetivo principal o desenvolvimento pessoal e profissional de cada estudante, contemplando uma avaliação predominantemente formativa. Aprender é um processo gradual e o aluno vai reestruturando o seu conhecimento através das atividades que observa, analisa, prepara, vivencia e reflete entre pares, com os orientadores e supervisores. (p. 48)

As escolas por onde estagiei, apesar de serem dentro da Associação, foram muito diferentes porque os profissionais que lá trabalham usam métodos e estratégias, igualmente boas, diferentes uns dos outros. Em todas as turmas em que estagiei aprendi muito com os educadores/professores que me ensinaram como cativar um grupo/turma, que me ensinaram também a ser melhor profissional e a ensinar da melhor maneira que sabiam.

Uma característica dos estágios na ESE João de Deus prende-se pelo facto de o estágio ser realizado a pares. Este aspeto é fundamental para a formação de futuros educadores/professores porque é através deste trabalho em equipa que são corrigidos erros, são aperfeiçoados métodos e são criadas estratégias para que o conteúdo que vai ser ensinado seja feito da melhor maneira e da forma mais eficaz para que seja proveitoso para o aluno(a) estagiário(a) como para o grupo/turma que está a vivenciar a mesma.

No início do Mestrado não tinha bem a certeza se queria ter as duas valências, Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, mas depois de várias conversas com professoras da ESE e com a realização de estágios percebi que era uma mais-valia para a minha formação enquanto profissional e não consigo escolher qual dos dois prefiro, gosto muito das duas valências de igual forma apesar de serem muito diferente um do outro.

Relativamente a investigações para o futuro, gostava de fazer uma Pós-graduação em Terapia da Fala porque é um tema que me fui interessando ao longo

deste ano letivo, devido à convivência com meninos com dificuldades nesta área e aprender mais sobre a área de Necessidades Educativas Especiais porque também tive uma menina no meu primeiro grupo que tem fragilidades nesta área e quero ser capaz de os conseguir ajudar mais nesta área.

Ser educador/professor é das profissões mais importantes porque cada profissional é responsável pela formação de crianças a todos os níveis. Valadares (2010) enumera algumas das características deste ofício, referindo que:

Os professores exercem uma profissão fundamental e, como em toda a profissão, há melhores e piores profissionais. Ser bom profissional exige muito esforço, dedicação, vocação, mas também uma sólida formação, além obviamente de factores de «governança» que transcendem o profissional e poderão influenciar mais ou menos o seu trabalho. (p.1)

A interação entre a família e a escola é bastante importante, com a realização do estágio profissional apercebi-me que esta relação é muito importante para que tudo seja feito de uma forma harmoniosa e para que a aprendizagem seja realizada de uma forma coerente e calma.

Segundo Reis (2008) defende que

Educação, Família, Escola, Sociedade, Ambiente e Formação são áreas que aparecem associadas e vinculadas sempre que a elas nos referimos. Não é possível uma Educação adequada e completa sem a existência da Família. Por isso, se devem fazer estudos e aprofundar o conhecimento, consciencializar a opinião pública de que os problemas familiares são problemas sociais e procurar começar a Educação Familiar desde a infância, já que a criança irá chegar à fase adulta e formará, por sua vez, uma nova família. (p.37)

Em relação ao contacto com várias realidades educativas é bastante importante porque estamos sempre em alerta para as várias realidades espalhadas pelo país porque em cada cidade os costumes são diferentes.

Ao longo destes 5 anos de estágios cresci tanto a nível pessoal e profissional porque é com a prática que conseguimos aplicar todos os conteúdos que fui aprendendo.

Referências Bibliográficas

Afonso, M. R. (2007). *Guião de Educação para a Cidadania em contexto escolar... Boas Práticas*. Ministério da Educação: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Alves, R., B, R. (2013) *A importância do jogo no ensino da matemática*. Copiado de:
<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4701/1/Importanciadojogoensinomatematica.pdf>

Arenas, R. I. (s.d.) *Aprender a ensinar*. Madrid: Higher Education.

Barbeiro, L. F., Pereira, L. A. (2007) *O Ensino da Escrita: A Dimensão Textual*. Lisboa: Ministério da Educação. Lisboa: Ministério da Educação.

Bento, C., Coelho, R., Joseph, N., & Mourão, S. J. (2005). Programa de generalização do ensino de inglês no 1º ciclo do ensino básico. Lisboa: Ministério da Educação.

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Caldeira, M. F., Pereira, P. C., & Silveira-Botelho, T. (2017). *Supervisão e avaliação da prática profissional no ensino superior*. Educação para o desenvolvimento, 4, 47-69.

Campagnolo, H. (1979). *João de Deus Pedagogo moderno*. Lisboa: Museu João de Deus.

Dias, A., Toste, V. (2006). *Ensino do Inglês: 1.º Ciclo do ensino básico (1.º e 2.º anos) - orientações programáticas*. Lisboa: Ministério da Educação. Direção – Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Domingues, D. (2008). *Avaliação das aprendizagens: Desafios às teorias, Práticas e Políticas*. Lisboa: Texto Editores.

Félix, N. N.; Roldão, M.C. (1996). *Desenvolvimento curricular na educação básica – Dimensões formativas de disciplinas do ensino básico: HISTÓRIA*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Magalhães. V. F. (2008). *A promoção da leitura literária na infância: um mundo de verdura a não perder*. In O. Sousa & A. Cardoso Interdisciplinar de Estudos Educacionais, pp. 55 – 73;

Many, E.& Guimarães, S. (2006). *Como abordar... A metodologia de trabalho de projeto*. Porto: Areal Editores.

Marques, A. H. O. (1998). *História de Portugal: Das Revoluções Liberais aos nossos dias*. Lisboa: Editorial Presença.

Matos, M. C. F. R (2011). Funções e tipologias da avaliação das aprendizagens. Análise no ensino secundário. In *Revista Alentejo: Educação*.

Mateiro, V. S. C. (2018). *A leitura infantil no Pré-Escolar e no 1.º CEB: Como abrir caminhos à imaginação*. (Tese Mestrado). Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Coimbra. Coimbra. Retirado de: http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/MESTRADOS_ESEC/VANESSA_MATEIRO.pdf

Ministério da Educação (2017). *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*. Lisboa: Ministério da Educação.

Moitas, A. L. P. (2013). *PLANIFICAÇÃO No jardim de infância: retórica e realidade*. (Tese Mestrado). Aveiro: Universidade de Aveiro. Copiado de: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/12397/1/tese.pdf>

Pais, A. & Monteiro, M. (1996). *Avaliação – uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.

Ramos, R. (Coord.). 2012. *História de Portugal*. Lisboa: A esfera dos livros.

Reis, R. P. (2008). *Investigar e descobrir. Actividades para a Educação em Ciência nas Primeiras Idades*. Santarém: Escola Superior de Educação de Santarém.

Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A Relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. (Tese de Doutoramento). Málaga: Universidade de Málaga. Copiado de: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2238/1/PAULA.COLARES.Relacao.Pais.Professores.pdf>

Ruivo, I. (2013). *A Consciência Fonológica: uma questão de práticas consistentes e sistemáticas*. Repositório Comum. Copiado de: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4893/1/ConscienciaFonologica.pdf>

Roger Beard, L. S. (2010). Como se aprende a ler? Em J. Morais, *Como aprender a ler e como ensinar a ler* (pp. 5-11). Porto: Porto Editora.

Sá, J. (2002). *Renovar as práticas no 1.º Ciclo pela via das ciências da natureza*. Coleção Mundo de Saberes 10. Porto: Porto Editora.

Silva, A. M. M. S. (2013). *A importância de brincar com a matemática no ensino pré-escolar*. (Tese Mestrado). Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Copiado de: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4717/1/AnaSilva.pdf>

Silva, I. V. C. (2013). *Ler e aprender gramática: um desafio a partir do Método de leitura João de Deus*. (Tese de Mestrado). Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra. Copiado de: http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/MESTRADOS_ESEC/INES_SILVA.pdf

Silva, I. L. (Coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação.

Trindade, R. (2002). *Experiências Educativas e Situações de Aprendizagem. Novas práticas pedagógicas*. Porto: Edições ASA.

Zabalza, M. A. (1992). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto: Edições ASA.

Anexos

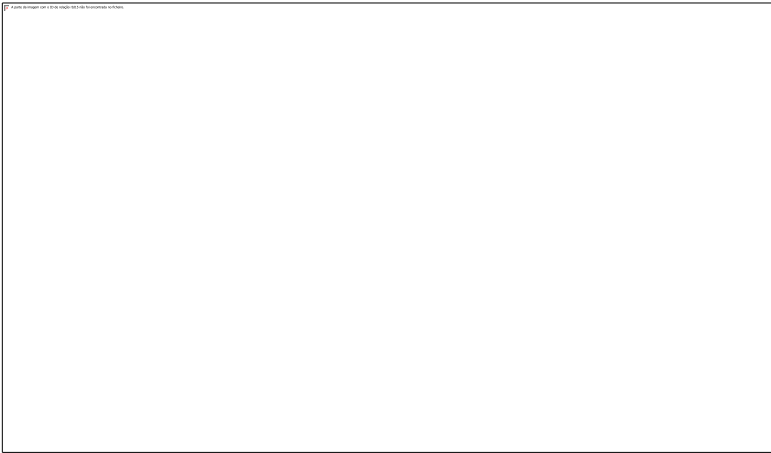
Anexo 1 – Proposta de atividade do Domínio de Matemática na faixa etária dos 4 anos

Nome: _____

Data: _____

1- Pinta corretamente o número de estrelas que está indicado no quadrado à esquerda, respeitando os contornos.

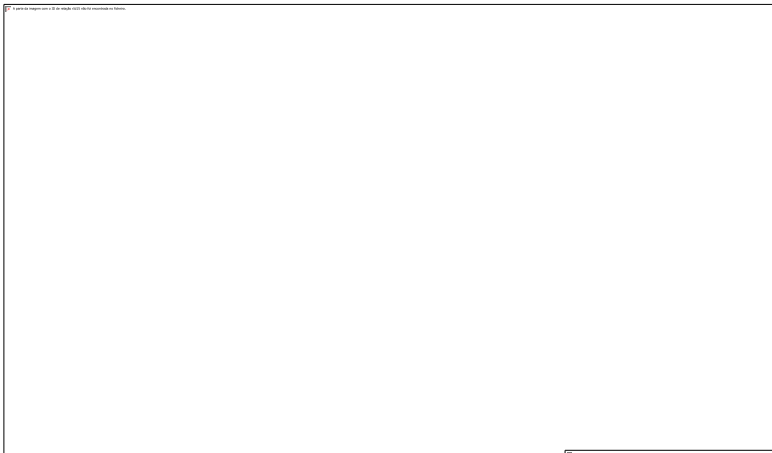
5



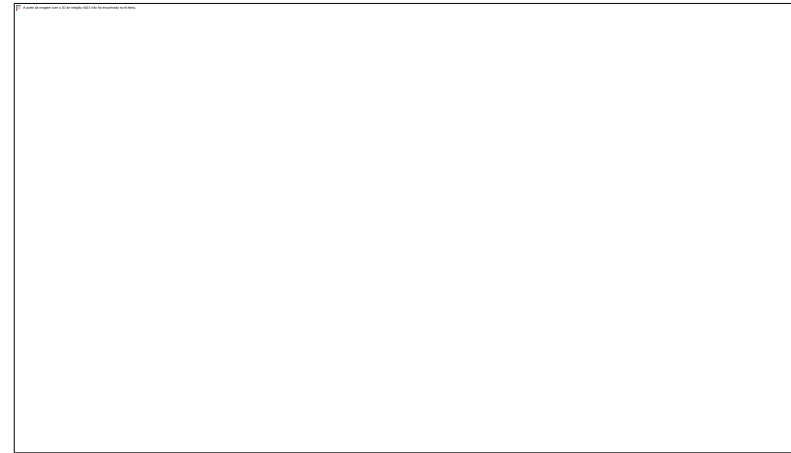
2



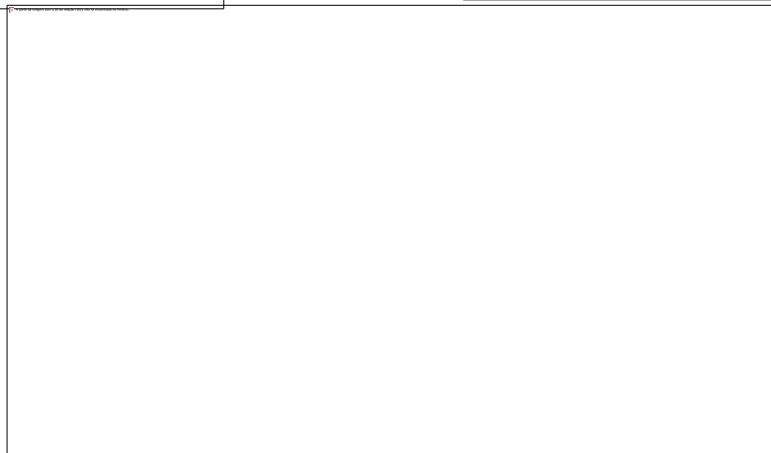
0



4



8



Anexo 2 – Grelha de avaliação da proposta de atividade do Domínio da Matemática

Grelha de avaliação				
Parâmetros	n.1	n.2	Total	Resultado da avaliação
Cotação	7,5	4,5	10	
Crianças				
A1	6	0,5	6,5	Suficiente
A2	7,5	1,5	9	Muito bom
A3	7,5	4,5	10	Muito bom
A4	7,5	0,5	8	Bom
A5	7,5	1,5	9	Muito bom
A6	7,5	0,5	8	Bom
A7	7,5	1,5	9	Muito bom
A8	7,5	0,5	8	Bom
A9	7,5	0,5	8	Bom
A10	7,5	0	7,5	Bom
A11	7,5	0	7,5	Bom
A12	7,5	0	7,5	Bom
A13	7,5	0	7,5	Bom
A14	7,5	0	7,5	Bom
A15	7,5	0,5	8	Bom
A16	7,5	0	7,5	Bom
A17	7,5	0	7,5	Bom
A18	7,5	0,5	8	Bom
A19	7,5	0	7,5	Bom
A20	7,5	1,5	9	Muito bom

Anexo 3 – Grelha de atividade da Disciplina de Português do 1.º
ano

Grelha de avaliação		
Parâmetro	n.1	Resultado da avaliação
Cotação		
Crianças		
A1	4.15	Muito Bom
A2	2.5	Bom
A3	0.1	Fraco
A4	2.5	Bom
A5	2	Suficiente
A6	1.25	Insuficiente
A7	4.15	Muito bom
A8	1.25	Insuficiente
A9	2.5	Bom
A10	4.15	Muito Bom
A11	4.15	Muito Bom
A12	1.25	Insuficiente
A13	2	Suficiente
A14	4.15	Muito Bom
A15	1.25	Insuficiente
A16	2.5	Bom
A17	4.15	Muito Bom
A18	1.25	Insuficiente
A19	4.15	Muito Bom
A20	2	Suficiente
A21	4.15	Muito Bom
A22	4.15	Muito Bom

Anexo _4 – Proposta de atividade da Disciplina de Matemática do 2.º ano

Nome: _____ Data: _____

1- Observa o seguinte número: **435 709**.

1.1. Faz a leitura do número a cima por:

Ordens: _____

Classes: _____

2- Realiza as seguintes operações.

$$475 + 678 =$$

$$864 - 600 =$$

$$42 \div 2 =$$

$$5 \times 30 =$$

Anexo 5 – Grelha de avaliação da proposta de atividade Disciplina
de Matemática

	Grelha de avaliação				
Parâmetros	n.º1	n.2	n.º3	Total	Resultado da avaliação
Cotação	2,7	2,3	5	10	
Crianças					
A1	2,7	1,15	5	8,8	Bom
A2	0	2,3	5	7,3	Bom
A3	2,5	0	5	7,5	Bom
A4	0	2,3	5	7,3	Bom
A5	2,7	2,3	5	10	Muito bom
A6	2,7	2,3	5	10	Muito bom
A7	2,5	0	5	7,5	Bom
A8	2,7	2,3	5	10	Muito bom
A9	2,7	1,15	5	8,8	Bom
A10	2,5	2,3	3,45	8,2	Muito bom
A11	2,5	0	5	7,5	Bom
A12	2,5	2,3	5	10	Muito bom
A13	2,5	2,3	5	10	Muito bom
A14	0	2,3	5	7,3	Bom
A15	2,5	2,3	5	10	Muito bom
A16	2,5	2,3	5	10	Muito bom

Anexo 6 – Proposta de atividade da Disciplina de Português do 3.º ano

Nome _____

Data: _____

1. Escreve palavras que respeitem as seguintes indicações.

1.1. Monossílabo: _____

1.2. Trissílabo: _____

1.3. Trissílabo mas que seja classificado quanto à sua acentuação como
esdrúxula: _____

1.4. Polissílabo: _____

1.5. Grave: _____

2. Escreve uma frase que tenha: um nome próprio, um determinante demonstrativo, um nome comum, um adjetivo e por fim um verbo no presente do indicativo.

Anexo 7 – Grelha de avaliação da proposta de atividade da Disciplina de Português

Parâmetros	n.º 1	n.º2	Total	Resultado da avaliação
Cotação	5	5	10	
Crianças				
A1	4,7	3	7,7	Bom
A2	3,7	5	8,7	Bom
A3	3,75	5	7,75	Bom
A4	5	4	9	Muito Bom
A5	3,75	4	7,75	Bom
A6	3,7	3	6,7	Suficiente
A7	5	3	8	Bom
A8	3,7	2	5,7	Suficiente
A9	4,7	3	7,7	Bom
A10	3,75	4	7,75	Bom
A11	5	5	10	Muito Bom
A12	3,7	4	7,7	Bom
A13	2,45	5	7,45	Bom
A14	5	3	8	Bom
A15	5	5	10	Muito Bom
A16	3,8	5	8,8	Bom
A17	5	5	10	Muito Bom
A18	3,8	5	8,8	Bom
A19	5	5	10	Muito Bom
A20	3,7	5	8,7	Bom
A21	3,75	5	8,75	Bom
A22	3,8	5	8,8	Bom
A23	5	2	7	Bom

Anexo 8 – Proposta de atividade da Disciplina de Português do 4.º Ano

Nome: _____
Data: _____

1. Escreve uma frase em que tenha as seguintes funções sintáticas: Sujeito composto, predicado, complemento direto, indireto e um modificador locativo.

2. Escreve frases nos diferentes tipos que te são apresentadas.

2.1. Frase do tipo declarativa: _____

2.2. Frase do tipo interrogativa: _____

2.3. Frase do tipo imperativa: _____

3. Identifica as preposições nas seguintes frases.

3.1. O Manuel chegou a Lisboa: _____;

3.2. Não se pode trabalhar sem utensílios próprios: _____;

3.3. O António está em Coimbra e dali vai partir para a sua terra: _____;

3.4. A Maria andou por caminhos de terra batida: _____;

Anexo 9 Grelha de avaliação da proposta de atividade da Disciplina de Português

Grelha de Avaliação					
Parâmetros	n.º 1	n.º2	n.º3	Total	Resultado da avaliação
Cotação	5	2	3	10	
Crianças					
A1	5	2	2,4	9,4	Muito bom
A2	3	2	1,2	6,2	Suficiente
A3	5	1	0,6	6,6	Suficiente
A4	4	1	0,6	5,6	Suficiente
A5	4	2	1,8	7,8	Bom
A6	3	2	1,8	6,8	Suficiente
A7	5	2	0,6	7,6	Bom
A8	5	2	1,8	8,8	Bom
A9	4	2	2,4	8,4	Bom
A10	5	2	1,2	8,2	Bom
A11	5	2	1,8	8,8	Bom
A12	5	1,5	1,8	8,3	Bom
A13	5	1	1,8	7,8	Bom
A14	5	2	1,8	8,3	Bom
A15	5	2	1,8	8,8	Bom
A16	5	2	0,6	7,6	Bom
A17	4	2	1,8	7,8	Bom

Anexo 10 – Questionário de avaliação do projeto – turma de 4.º Ano

Nome dos alunos	Interesse dos alunos na participação neste projeto					Gostaram de realizar o projeto								Respeito mostrado às pessoas entrevistadas						Observações feitas pela professora titular/responsável pelo projeto
	M	NS	S	B	MB	E	M	NS	S	B	MB	E	M	NS	S	B	MB	E		

M-Mau NS- Não Satisfaz S-Satisfaz B-Bom MB- Muito Bom E-Excelente